GRANDES REPORTAGENS DE *PLACAR*

PALMEIRAS

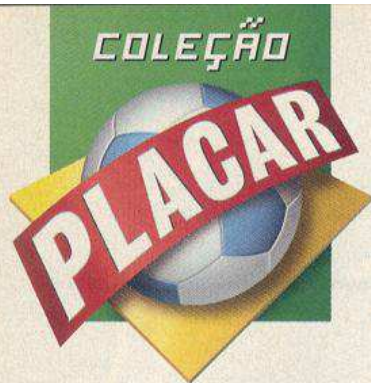
CR$ 3,90
1204-I NOV 01
12385/1
WWW.PLACAR.COM.BR
7 893614 010816

- A LIBERTADORES DE 99
- OS TÍTULOS BRASILEIROS
- O SUPERTIME DOS ANOS 90
- A ERA ADEMIR DA GUIA
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

A PLACAR TRAZ TODA SEMANA O MELHOR DO FUTEBOL PARA VOCÊ

Placar traz toda a semana o melhor do futebol no Brasil e no mundo. Os bastidores das rodadas, entrevistas com os destaques, matérias polêmicas, fotos espetaculares, furos de reportagens e muito mais.

QUEM AMA FUTEBOL NÃO VIVE SEM PLACAR

Visite nosso site: www.placar.com.br

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

Quando PLACAR nasce, em 1970, o Palmeiras é o atual campeão brasileiro — havia vencido o Roberto Gomes Pedrosa, o campeonato nacional de então, em 1969. É o auge da dupla Dudu/Ademir da Guia, ao mesmo tempo que nascia uma nova geração de talentos, capitaneada por Leão e Luís Pereira. Com eles, o time é bicampeão brasileiro. Depois do título estadual de 1976, porém, o encanto se desfaz. O jejum de títulos foi cruel — ainda mais que nesse período o Palmeiras montou grandes times, que deram grandes alegrias à torcida, como contam as 23 reportagens originais de PLACAR reproduzidas nesta edição especial. Nestas páginas, o leitor vai se emocionar ao rever o time de Telê golear o Flamengo de Coutinho no Maracanã; Evair e companhia quebrando o jejum no Morumbi, em cima do Corinthians; as duas batalhas contra o mesmo rival na Libertadores, em 1999 e 2000; e muito mais.

P.S.: A camisa do Palmeiras que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Luís Pereira no jogo Palmeiras 2 x 1 Saad, em 6 de julho de 1975, no Pacaembu.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Pág.	Ano	Título
4	1972	Campeão paulista
6	1972	Campeão brasileiro
8	1974	Bicampeão brasileiro
10	1974	Campeão paulista
12	1976	Campeão paulista
14	1977	Despedida de Ademir da Guia
16	1979	Verdão Maravilha
18	1979	4 x 1 Flamengo
20	1981	Taça de Prata
22	1985	4 x 4 São Paulo
24	1986	5 x 1 Corinthians
26	1993	Campeão paulista
28	1993	Campeão do Rio-São Paulo
30	1993	Tricampeão brasileiro
32	1994	Bicampeão paulista
34	1994	Tetracampeão brasileiro
36	1996	Campeão paulista
38	1998	Campeão da Copa do Brasil
40	1999	Semifinal da Libertadores
42	1999	Campeão da Libertadores
44	1999	Campeão mundial
46	2000	Campeão do Rio-São Paulo
48	2000	3 x 2 Corinthians
50	1999	Pôster

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: Carlos R. Berlinck
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Paulo Cesar Araújo
VICE-PRESIDENTE DE NEGÓCIOS: Giancarlo Civita

DIRETOR DE NÚCLEO: Paulo Nogueira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho **DIRETOR DE ARTE:** Fábio Bosquê Ruy **REDATOR-CHEFE:** André Fontenelle **EDITOR DE FOTOGRAFIA:** Ricardo Corrêa Ayres **EDITORES ESPECIAIS:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **REPÓRTERES:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA:** Alexandre Battibugli **FOTÓGRAFO:** Eduardo Monteiro (RJ) **DIAGRAMADORES:** André Koguti e Crystian Cruz **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Silvana Ribeiro **COLABORARAM:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo **ABRIL PRESS:** José Carlos Augusto **NOVA YORK:** Grace de Souza **PARIS:** Pedro de Souza **RIO DE JANEIRO:** Débora Chaves

DIRETOR COMERCIAL: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: DIRETOR: Ricardo Packness de Almeida **GERENTE DE PRODUTO:** Euvaldo Junior **ASSISTENTE DE PRODUTO:** Erica Lemos **PROMOÇÕES E EVENTOS:** Marina Decânio **PROJETOS ESPECIAIS:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: DIRETORES: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **GERENTES:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **EXECUTIVOS DE CONTAS:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: GERENTE DE PRODUÇÃO: Andrea Giovanni Spelta **COORDENADORES DE PUBLICIDADE:** Irla Ferneda, Renato Rosante **COORDENADOR DE PRODUÇÃO:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: GERENTE: Auro Iasi **CONSULTORA FINANCEIRA:** Lourdes Oliveira

GERENTE ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Angela Rehem de Azevedo **DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL:** Jacques Ricardo **DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO:** Paulo Renato Simões **REPRESENTANTE EM PORTUGAL:** Manuel José Teixeira **DIRETOR DE PUBLICIDADE - CLASSIFICADOS:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Ana Dávalos **DIRETOR DE VENDAS:** William Pereira

EM SÃO PAULO: REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **PUBLICIDADE:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: BELO HORIZONTE: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **BLUMENAU:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **BRASÍLIA:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **CAMPINAS:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **CURITIBA:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **FLORIANÓPOLIS:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **JOINVILLE:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **LONDRINA:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **PORTO ALEGRE:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **RECIFE:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **RIBEIRÃO PRETO:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **RIO DE JANEIRO:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **SALVADOR:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **VITÓRIA:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: NOVA YORK: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **PARIS:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: INTERESSE GERAL: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **NEGÓCIOS:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **FEMININAS:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **MASCULINAS:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **TURISMO E AVENTURA:** Viagem e Turismo, National Geographic **GUIAS:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **CASA E FAMÍLIA:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **INFANTO-JUVENIS:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **ABRIL MULTIMÍDIA:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **ANUÁRIOS:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
EDITORA CARAS, EDITORA SÍMBOLO, ABRIL CONTROLJORNAL/EDIPRESSE, EM PORTUGAL, EDITORIAL PRIMAVERA, NA ARGENTINA
INTERNET: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **ENTRETENIMENTO:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **EDUCAÇÃO:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-I (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **EDIÇÕES ANTERIORES:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. **ANER**

www.abril.com.br

PRESIDENTE E CEO: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

DOZE TIMES DISPUTARAM O ESTADUAL, em pontos corridos. O Palmeiras chegou à última rodada com a vantagem do empate e conquistou aquele que é até hoje o último título paulista invicto

FOI BEM LÓGICO. DEU PALMEIRAS

Um título não se ganha contando com a sorte de um gol solitário. Ganha-se com muito trabalho e com bom time

>> POR ARTHUR FERREIRA

De repente o Pacaembu ficou verde, coberto por milhares de bandeiras balançadas pelo vento frio. Um coro de muitas vozes, afinando-se como que por milagre, cantou um hino de vitória. Onze homens sem camisa, agarrados, abraçados, alegres, corriam erguendo seus braços: a festa de um título merecido, ganho com paciência, com um trabalho metódico, todo esquematizado, onde o menor detalhe era tão importante quanto os mais evidentes, a raça, o amor, a catimba, uma torcida que chegou primeiro, que foi maior, mais alegre, mais quente, mais confiante.

Uma torcida que preferiu deixar o Pacaembu a pé e caminhar, cantando unida, até o Parque Antártica: mais de quatro quilômetros, pouco para a festa que ganhou as ruas, que chegou ao ginásio e que, pela madrugada adentro, continuou pelo campo, pelas arquibancadas, pelo bar, por todo canto onde coubesse um palmeirense alegre e sua bandeira.

Festa do melhor time no jogo da decisão e em todo o campeonato, o Palmeiras. A festa do time que, precisando apenas de um empate para ser campeão invicto, preferiu jogar para ganhar, e que, indo à frente já aos 15 minutos do primeiro tempo, depois de criar duas oportunidades, teve o gol em suas mãos com César chutando para fora uma bola que Sérgio pegou e largou.

Uma bola que Paulo chutou contra o travessão aos 5 minutos do segundo tempo e outra que Terto perdeu quando foi derrubado perto da risca da área, aos 37, foram as duas reais oportunidades do São Paulo.

Nas chances criadas estão as diferenças que contam, porque o Palmeiras foi campeão e ao São Paulo coube apenas o vice. Diferenças que começaram com o trabalho do professor Hélio Maffia, que passaram pela dedicação e pela catimba de Osvaldo Brandão — um técnico que se faz amigo dos jogadores, conseguindo tudo deles — e que chegou à diretoria, capaz de tentar sempre manter o time equilibrado, contratando jogadores e, mais que isso, de perder muito dinheiro (deixar de jogar a final no Morumbi) para motivar seus craques, fazendo o que seu técnico quer.

O Palmeiras não esperou pelo gol, foi buscá-lo. Não fez nenhum, mas esteve perto. E nem precisava do gol. Depois de 22 jogos com 15 vitórias e sete empates, sua torcida já havia cantado 33 gols e desprezado, apenas oito vezes, os gols que Leão sofreu. Estava contente com os 11 gols que César marcou no campeonato, mesmo sabendo que ele não é o artilheiro. Estava contente por saber o que seu ídolo pensa fazer depois de tudo isso:

— Só quero uma coisa como prêmio por tudo isso. Que eles renovem meu contrato e que chegue logo o fim do ano: vou casar, bicho.

Fumando muito, procurando mostrar que mais um título entre tantos não o tira da linha, fugindo da festa para jantar com a família, Brandão era o homem totalmente alegre que Dudu não conseguia ser num quarto do Hospital São Camilo, na Pompéia, com ameaça de fratura em duas costelas. Nenhum dos dois foi para o Parque Antártica, onde o ônibus dos jogadores só chegou duas horas depois do jogo, quase empurrado pela torcida que, rouca, apenas sussurrava as modinhas que a Banda do Mingo tocou a noite inteira, entre cervejas, serpentinas, desmaios, abraços e beijos.

"BRANDÃO ERA O HOMEM TOTALMENTE ALEGRE QUE DUDU NÃO CONSEGUIA SER NUM QUARTO DO HOSPITAL SÃO CAMILO, NA POMPÉIA, COM AMEAÇA DE FRATURA EM DUAS COSTELAS"

3/9/72 PACAEMBU (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 0 SÃO PAULO
J: Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 352 838
PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu (Madurga) e Ademir; Edu (Fedato), Leivinha, César e Nei.
T: Osvaldo Brandão
SÃO PAULO: Sérgio, Forlan, Samuel, Arlindo e Gilberto; Édson e Pedro Rocha; Paulo, Terto, Toninho (Zé Carlos) e Paraná (Wilton). **T:** Alfredo Ramos

Leivinha e Ademir (acima), César (abaixo): todos na briga pela bola

O TÍTULO FOI CONQUISTADO COM UM 0 X 0, mas ninguém tinha dúvidas de que o Palmeiras tinha o melhor time do país. Um prêmio a uma equipe que já havia conquistado o Campeonato Paulista daquele ano

MAIS UMA VEZ DEU PALMEIRAS

Acabou a maratona do Nacional. Seu vencedor foi aquele que melhor se apresentou, o que todos esperavam chegar

>> POR CARLOS MARANHÃO, NARCISO JAMES, TEIXEIRA HEIZER, FAUSTO NETO E DIVINO FONSECA

Agomar Martins apita o fim do jogo, a torcida começa a gritar, pular, chorar. Ademir da Guia dá um chutão na bola e sai correndo em direção aos repórteres de campo, braços erguidos.

— É meu, é meu. Nós somos campeões.

Ele sabia que tinha ganhado o troféu de melhor jogador do Nacional, a Bola de Prata e a maioria dos prêmios que as rádios e TVs dão ao melhor de cada jogo. Pela primeira vez, em três meses e 14 dias, Ademir perdia a calma.

— Nós merecemos o título.

Sem camisa, erguido pelos torcedores que invadiram o campo, Luís Pereira chorava. Aquele negro enorme era o verdadeiro herói do último jogo, um jogo feio, chato, como todo jogo de decisão.

Um dia antes do jogo, a delegação do Botafogo já estava em São Paulo, desmentindo a imagem de boêmia e irresponsável. Dos jogadores, só saíam palavras humildes e iguais às do técnico Leônidas.

— O Palmeiras merece ser o campeão, fez a melhor campanha, joga em casa e pelo empate. Nós tivemos uma campanha irregular, com vitórias e derrotas sem explicação. No fim, acertamos o time e ganhamos moral. Mas sabemos que não dá para ganhar do Palmeiras aqui em São Paulo.

No Morumbi, nem mesmo "quase cheio", muita festa, muitas bandeiras (até do Fogo, com uma torcida barulhenta, que veio do Rio em 64 ônibus), um atraso de 50 minutos. Sempre que há uma decisão entre paulistas e cariocas, faz-se um levantamento, cheio de vitórias e derrotas, datas e detalhes. E a tradição mostra: 60% das vezes valeu o mando do jogo. Para Ademir, o Morumbi diminuía essa vantagem do Palmeiras.

— É grande, um bom gramado, que facilita quem toca bem na bola, como o Botafogo. No Pacaembu, com um gramado pior, nossa vantagem seria maior.

A partir do momento em que a bola começou a rolar, só mesmo um grande torcedor (e quem não é?) podia sentir emoção nas jogadas. Perigo de gol, muito pouco. Jogadas bonitas, ensaiadas, poucas. Nem mesmo havia o clima tenso e veloz que envolve os grandes momentos.

Talvez a culpa tenha sido de Ademir, que impôs sua personalidade, ritmo e calma aos movimentos dos outros 21 jogadores. Afinal, ele fez isso em todos os campos por onde o Palmeiras jogou. O ataque do Botafogo quase não existiu. Todas as suas jogadas morriam no combate de Dudu, na segurança de Alfredo ou na classe e coragem de Luís Pereira.

A superstição se mostrou presente dos dois lados. Mário Genovese, diretor social do Palmeiras, por exemplo:

— Não preparamos nada para festejar. Mas, se ganharmos, a torcida está convidada a ir ao Parque Antártica para um carnaval. Não quero falar mais sobre isso, dá azar.

No vestiário do Botafogo, sobraram algumas velas que iluminaram um pequeno altar.

Um cortejo de carros, buzinas tocando insistentes, muitos foguetes soltos pelos bairros, a torcida se reunindo no Parque Antártica para o carnaval marcaram o fim do Campeonato Nacional de 72. E foi como Brandão falou:

— Venceu o melhor, quem pode duvidar disso?

> "ADEMIR IMPÔS SEU RITMO E CALMA AOS MOVIMENTOS DOS OUTROS 21 JOGADORES. AFINAL, ELE FEZ ISSO EM TODOS OS CAMPOS POR ONDE O PALMEIRAS JOGOU"

23/12/72 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 0 BOTAFOGO
J: Agomar Martins (RS); **R:** NCr$ 649 445; **P:** 58 287
PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu (Zé Carlos) e Ademir da Guia; Edu (Ronaldo), Madurga, Leivinha e Nei. **T:** Osvaldo Brandão
BOTAFOGO: Cao, Valtencir, Brito, Osmar e Marinho; Nei e Carlos Roberto; Zequinha, Jairzinho, Fischer e Ademir (Ferreti). **T:** Sebastião Leônidas

Dudu contra o
Fluminense,
em outubro

CRUZEIRO, INTERNACIONAL, PALMEIRAS E SÃO PAULO chegaram ao quadrangular final. Quatro timaços, mas o Palmeiras foi o mais forte. Chegou à última rodada com a vantagem do empate e soube aproveitá-la para se tornar o primeiro bicampeão nacional

SÓ FALTOU O GOL

Que foi merecido, ninguém pode colocar em dúvida. O Palmeiras teve 62 pontos ganhos ao longo do Campeonato Brasileiro e o São Paulo não passou de 52. Este 0 x 0 não quer dizer nada, pois foi injusto >> **POR JOSÉ MARIA DE AQUINO**

Só faltou o gol para que a obra de um grande maestro e seus 11 artistas em noite inspirada se tornasse perfeita. Um gol. Mas o que importa o gol, no caso um simples detalhe a mais, se o resto, a gana, o amor, a briga pela bola, o toque, o chutão, o revide, tudo esteve presente? Nada. Nada para quem durante meses, num campeonato inteiro, de ponta a ponta, se mostrou melhor.

Quem precisava correr, sufocar o adversário, ir para a frente e tentar o gol logo de saída era o São Paulo. Poy sabia disso, o time foi instruído para isso, mas o Palmeiras sabia mais. E sabendo, longe de se acomodar na busca do empate, ditou as regras, estabeleceu o ritmo e foi mais time.

O Palmeiras correu quando sentiu que precisava correr para não deixar que o São Paulo o fizesse. Catimbou — e ganhou — quando Forlan, Rocha, Terto e Chicão tentaram catimbar, amedrontar Ademir, Leivinha e, principalmente, Nei. Segurou o jogo e a bola quando o gás estava acabando e não se envergonhou de dar chutões para os lados quando o São Paulo, já no desespero, tentou o tudo ou o nada. Ganhou na bola, na raça, no cuspe, na catimba, nos palavrões. Ganhou, acreditem, com Ademir levando cartão amarelo, saindo com o calção rasgado e olhando duro, de frente, peito a peito com Forlan.

E ganhou fazendo no campo o que foi bolado no vestiário. Onde estão as pedras onde se estrutura o time do São Paulo? Qualquer criança é capaz de responder que estão em Pedro Rocha, em Zé Carlos e em Mirandinha. Qualquer criança e Brandão também. Dudu, como um operário fiel, obediente, foi o cão de guarda que acompanhou Pedro Rocha aonde ele ia, mordendo, ganhando na classe, no grito. E matando Rocha — já meio morto com a perna esquerda sem poder ser usada, jogando no sacrifício — matou mais de matade do São Paulo. Sem Rocha, acabaram os lançamentos para Mirandinha e Terto. Ademir da Guia, esquecendo que era o Divino, deixando de lado a nobreza do seu futebol, saiu marcando e até caçando Zé Carlos. Luís Pereira fazia na sua zona, no seu pedaço de mundo, o que todo torcedor implorava que alguém fizesse e o que todos nós vamos pedir que ele faça na Copa de 74: arrepiava, saía jogando e zombava de quantos tantos ousavam derrubar a Muralha da China. Deu gosto vê-lo esnobar a categoria que tem. Deu gosto, até, vê-lo repetir Forlan e correr para a torcida do São Paulo mostrando a camisa verde, suada, colada ao seu corpo bicampeão.

E nada disso aconteceu porque o adversário se entregou, perdeu-se por completo na sua estrutura. Aconteceu porque o mais forte, o que decidiu ganhar quando podia até mesmo empatar ou perder, lhe impôs o ritmo e o tempero.

Só faltou o gol para que a obra se tornasse completa, perfeita, imortal, quando se sabe que, por unanimidade, Waldir Peres, o goleiro do São Paulo, foi o melhor em campo, o que mais trabalhou, o que, sem precisar correr, saiu de campo suado. Por acaso, dois dos muitos chutes de Leivinha e um de César não valeram como meio gol? E, afinal, os pontos ganhos, a garra, o amor, a superação e a sublimação não valeram e não justificaram o mais merecido dos títulos?

"O PALMEIRAS SEGUROU A BOLA QUANDO SENTIU QUE O GÁS ESTAVA ACABANDO. E NÃO SE ENVERGONHOU EM DAR CHUTÕES"

20/2/74 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 0 SÃO PAULO
J: Arnaldo César Coelho (RJ);
R: Cr$ 990 860; **P:** 66 549
PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Ronaldo, Leivinha, César e Nei.
T: Osvaldo Brandão
SÃO PAULO: Waldir Peres, Forlan (Nélson), Paranhos, Arlindo e Gilberto; Chicão e Pedro Rocha; Terto, Zé Carlos (Ratinho), Mirandinha e Piau. **T:** José Poy

Luís Pereira não dá chances ao tricolor Mirandinha: área era dele

CONFIANTE NO FIM DO JEJUM que já durava 20 anos, a torcida do Corinthians foi em peso ao Morumbi, apenas para sofrer mais uma decepção.

VERDÃO IMPÕE SUA JUSTIÇA

Como condenados, 100 mil corintianos viram de cabeça baixa o Palmeiras ser campeão paulista

>> POR CARLOS MARANHÃO

Em todos os títulos importantes que conquistou nos últimos dois anos — campeão paulista invicto 1972/73, bicampeão brasileiro de 1972/73 — o Palmeiras sempre empatou a partida decisiva por 0 x 0. Domingo passado, para a alegria renovada de uma torcida já acostumada às grandes glórias, e que talvez por isso preferiu deixar a maior parte das arquibancadas e cadeiras do Morumbi aos corintianos, provou para quem ainda não acreditava que, se o empate não serve, sabe partir para uma vitória.

Ganhou com um belo gol de Ronaldo, que aos 24 minutos do segundo tempo chutou de voleio na área para desespero, desolação e apatia de três quartos do estádio — e, para facilitar as coisas, de praticamente o time inteiro do Corinthians.

Em bem poucas ocasiões — talvez em duas ou três de real importância — o Corinthians esteve para vencer, no gramado fofo e enlameado, a batalha que sua imensa e angustiada torcida ganhou com sobras no cimento frio das arquibancadas. Mas o grito de gol rapidamente morreu nas defesas difíceis e arrojadas de Leão.

A partir delas, a torcida minoritária do Palmeiras passou a acreditar que outro título se aproximava e que aos corintianos, novamente, não restaria mais do que a esperança de que no ano que vem as coisas quem sabe sejam diferentes. E gritava bem alto: "Zunzum, zunzum, é vinte e um. Zunzum, zunzum..."

No gramado, o Palmeiras, com o velho toque de bola refinado, ia tomando conta do jogo. Foi sobretudo no meio-campo que o Palmeiras amarrou o Corinthians. Ali, senhor do espetáculo disputado no frio fim de tarde, o grande Ademir da Guia exerceu pela enésima vez em sua carreira, com irretocável desempenho, o papel de regente da orquestra de camisas verdes. Como se tivesse o dom da ubiqüidade, onde ele não estava? Na defesa? No meio? Na frente? Em todos os lugares, ao mesmo tempo.

No ataque, Ronaldo não se limitou a ser um jogador de esquema. Foi, longe, o mais agressivo finalizador da equipe. Acima deles, porém, quem realmente brilhou, com dribles escandalosos em cima de Zé Maria, foi o ponta-esquerda Nei. Em três jogos seguidos contra o Corinthians, o calado Nei reviveu suas ótimas exibições pela Ferroviária. E acendendo seus cigarros, inquieto e nervoso no banco, Osvaldo Brandão. Seu colega Pirilo, aos 43 minutos, enrolou a toalha na cabeça e, segundo alguns repórteres de rádio, começou a chorar. Não havia mais nada a fazer.

Uns 100 mil corintianos ficaram em silêncio, perplexos, como se não quisessem acreditar no que viam lá embaixo: seus jogadores descendo de cabeça baixa para o vestiário, os do Palmeiras abraçando-se semidespidos, contentes, felizes, realizados, mas não excessivamente eufóricos.

"É mais um título", dizia Dudu, "que nós levantamos". "Tem sido sempre assim. É o quarto Paulista que ganho e acho que vou ganhar mais uns dois", acrescentava Ademir da Guia. "Já estamos nos acostumando", explicava Zeca.

No fundo, bem no fundo, alguns deles demonstravam certa compaixão do sofrimento da massa corintiana. Como uma procissão de condenados, a torcida do Corinthians deixava vagarosamente o estádio indiferente aos gritos palmeirenses: "Zunzum, zunzum, é vinte e um: zunzum, zunzum..."

"A TORCIDA MINORITÁRIA DO PALMEIRAS PASSOU A ACREDITAR QUE OUTRO TÍTULO SE APROXIMAVA. E GRITAVA BEM ALTO: 'ZUNZUM, ZUNZUM, É VINTE E UM. ZUNZUM, ZUNZUM...'"

22/12/74 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 1 X 0 CORINTHIANS

J: Dulcídio Vanderlei Boschillia; **R:** Cr$ 2 311 658; **P:** 120 522; **G:** Ronaldo 24 do 2º
PALMEIRAS: Leão, Jair Gonçalves, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu, Ademir da Guia e Edu; Leivinha, Ronaldo e Nei.
T: Osvaldo Brandão
CORINTHIANS: Buttice, Zé Maria, Brito, Ademir e Vladimir; Tião, Rivelino e Vaguinho; Lance, Zé Roberto (Ivan) e Adãozinho (Pita). **T:** Sílvio Pirilo

Ronaldo deixa Tião para trás:
ele faria o gol do título

O ÚLTIMO TÍTULO de Ademir da Guia no Palmeiras foi conquistado com seu ex-companheiro de meio-campo Dudu comandando o time do banco de reservas. O que ninguém sabia é que viria depois um longo jejum

NINGUÉM CARIMBA A FAIXA DO PALMEIRAS

O belo espetáculo das arquibancadas, nas duas partidas, deixou claro que a torcida palmeirense ainda está muito longe do enfado da glória

>> POR CARLOS MARANHÃO

Estava tudo consumado desde a noite de quarta-feira, depois da vitória de 1 x 0 sobre o XV de Piracicaba. Mas somente domingo, no Morumbi, é que a torcida do Palmeiras terminou a grande festa iniciada no Parque Antártica. E, felizmente para ela, não houve falhas no programa das comemorações: derrotado por 2 x 1, o Corinthians não pôde assim carimbar as faixas que os campeões paulistas de 1976 traziam sobre suas camisas verdes quando entraram em campo, sob intenso foguetório, carregando a bandeira do clube.

A alegria pela conquista do 18º título regional — três a mais que os do Corinthians — talvez pudesse ter sido maior se, durante a fase decisiva, pelo menos um dos grandes o houvesse ameaçado de perto. Em todo caso, o belo espetáculo das arquibancadas, nas duas partidas, deixou claro que ela ainda está muito longe do enfado da glória.

Numa tarde tão brilhante como seu desempenho nesta fase final, Jorge Mendonça — o melhor atacante de São Paulo no momento — brindou seu público com dois golaços, ambos no início do jogo, auxiliado por falhas do zagueiro Ademir. Mais tarde, a reação corintiana seria frustrada por algumas ótimas defesas de Leão, que só não conseguiu segurar a cabeçada fatal de Geraldo, aos 12 minutos do segundo tempo.

No entanto, essa reação foi facilitada pela saída de Ademir da Guia. E ele deu uma nova esperança ao futebol brasileiro quando surgiu no gramado conduzindo seu filho Namir, de 7 anos. Quem já viu o garoto bater na bola acredita que se transformará no craque da terceira geração da família.

Um título justo? Justíssimo. As falhas do regulamento, o êxodo das estrelas, a desclassificação do Santos, as crises do Corinthians, a decadência do São Paulo, a decepção do Guarani, enfim, a má fase generalizada dos grandes, responsável pelo crescimento dos pequenos do interior, não servem para subestimar o triunfo do Palmeiras.

Afinal, o Palmeiras foi, de fato, o melhor do campeonato. Na soma dos pontos, nos dois turnos, ficaria com 44, isto é, cinco a mais do que o Guarani, o segundo colocado. E, ao longo de toda esta temporada, perdeu apenas uma vez, logo no inicio da primeira fase, ao ser derrotado pela Ponte Preta por 3 x 0, em Campinas. Com dois ou três reforços na defesa, o Palmeiras — que ninguém se iluda — tem condições de chegar, como era seu hábito, à decisão do Campeonato Brasileiro.

Pena que, no momento, não se possa dizer o mesmo dos demais. Por isso, contando-se os pontos em julgamento do jogo que ganhava do São Bento, o modesto XV de Novembro de Piracicaba termina como um surpreendente vice-campeão (domingo de manhã, empatou com a Portuguesa por 1 x 1, no Canindé). O São Paulo e a Portuguesa, que no ano passado disputaram a final, ficaram empatados num humilhante sexto lugar, atrás ainda do Guarani (numa terceira colocação que seria razoável, não fossem suas elevadas ambições), do Botafogo e do América.

Pior do que eles, o Corinthians — apesar de tudo líder absoluto nas arrecadações. Acabou em décimo-primeiro. Em outras palavras, foi o vice-lanterna. Único consolo: somou dois pontos a mais do que a Ferroviária.

"COM DOIS OU TRÊS REFORÇOS NA DEFESA, O PALMEIRAS — QUE NINGUÉM SE ILUDA — TEM CONDIÇÕES DE CHEGAR, COMO ERA SEU HÁBITO, À DECISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO"

18/8/76 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 1 X 0 XV PIRACICABA
J: Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 777 915; **P:** 40 283; **G:** Jorge Mendonça 39 do 1º
PALMEIRAS: Leão, Valdir, Samuel, Arouca e Ricardo; Pires e Ademir da Guia; Edu, Jorge Mendonça, Toninho e Nei. **T:** Dudu
XV PIRACICABA: Doná, Volmil, Fernando, Elói e Almeida; Muri e Vágner; Pitanga, Nardela (Capitão), Benê (Paulinho) e João Paulo. **T:** Dema

Edu contra a marcação:
o XV surpreendeu e foi vice

DEPOIS DE 15 TEMPORADAS defendendo a camisa alviverde, o Divino decidiu parar. PLACAR fez um balanço da carreira do craque e concluiu: depois de Junqueira e Waldemar Fiúme, ele também ganharia um busto no Parque Antártica

A UM PASSO DE VIRAR ESTÁTUA

Ademir da Guia não vai parar já, mas renunciou à posição de titular absoluto

>> POR CARLOS MARANHÃO

Pela primeira vez, em muitos e muitos anos, a família Da Guia pôde, fora das férias, desfrutar de um longo feriado de fim de semana. Mirna, de 8 anos, a filha mais velha, e sua mãe, dona Ximena, uma elegante chilena de cabelos negros, alegraram-se com o inusitado acontecimento: saíram na noite de sábado com Ademir, para comer pizza e tomar guaraná, e passaram todos juntos o Domingo de Páscoa. Mas Namir, que há pouco completou 7 anos, achou estranha a presença do pai em casa.

— Vamos ao jogo do Palmeiras amanhã, meu filho? — perguntou-lhe Ademir na Sexta-Feira Santa.

— Mas você não vai jogar, pai?

— Não. Não vou, não.

O Sábado de Aleluia amanheceu chuvoso em São Paulo e Ademir mudou de idéia, achando melhor ficar em casa. Durante a tarde, Ademir ligava e desligava o rádio para se informar do andamento da partida — o Palmeiras acabou empatando com a Ponte em 0 x 0.

A Semana Santa foi particularmente agitada para Severino Vasconcelos Barbosa. Sua responsabilidade era, de fato, grande: iria substituir — talvez em definitivo — um jogador insubstituível como Ademir da Guia. Dudu, de certa forma, ficou surpreendido. O time vencera o Santos por 2 x 0 com Vasconcelos e Ademir nas meias, atuando satisfatoriamente, e seu antigo parceiro foi procurá-lo para uma conversa de velhos amigos.

— Olha, Dudu, nós ganhamos. O Vasco foi bem e fez um gol. Ele está na posição certa e eu não sei jogar na meia direita. O lugar é do Jorge. Acho justo o Jorge voltar. Você não acha, Dudu?

— É, o Jorge está bem.

— Se você quiser deixar o Vasco, não tem problema. Ele está esperando uma chance há um ano e é sua hora de ficar.

— Eu também acho — concordou Dudu, tentando esconder a emoção. — Não seria certo tirá-lo agora.

E não o tirou: Vasconcelos entrou em campo com a camisa verde número 10.

Quase 16 anos atrás, a 23 de agosto de 1961, Ademir da Guia assinava seu primeiro contrato com o Palmeiras. Era, então, um jovem jogador de pouca fama — exceto por ser filho do grande zagueiro Domingos — vindo do Bangu. Com a paciência do principiante, esperou na reserva por dois anos, até que o técnico Geninho o lançou no lugar de Chinesinho. Nunca mais sairia, salvo em conseqüência de alguma contusão.

Foram 14 anos de uma das mais brilhantes carreiras de jogador no Brasil. Ele não chegou a ser perfeito. Jamais aprendeu a cabecear, por exemplo. E nunca chutou com violência. Mas se tornou um personagem único dentro do futebol brasileiro por suas incontáveis qualidades técnicas e pessoais: a largura das passadas compensando a lentidão dos movimentos; o ritmo cadenciado que imprimiu ao time, dando-lhe um estilo inimitável; o equilíbrio impecável, refletido na elegância de sua figura longilínea; a facilidade de aparecer inesperadamente para marcar um gol; a onipresença em campo; e uma incrível regularidade de atuações, todas acima da média.

Ademir da Guia não tem paralelo. Transformá-lo em estátua nos jardins do Parque Antártica não será uma deferência especial da diretoria do clube. Será, mais do que isso, uma homenagem indispensável para que as gerações futuras — palmeirenses ou não — saibam o que ele representou como atleta exemplar.

> "TRANSFORMÁ-LO EM ESTÁTUA NOS JARDINS DO PARQUE ANTÁRTICA NÃO SERÁ UMA DEFERÊNCIA ESPECIAL DA DIRETORIA DO CLUBE. SERÁ UMA HOMENAGEM INDISPENSÁVEL PARA QUE AS GERAÇÕES FUTURAS SAIBAM O QUE ELE REPRESENTOU"

Ademir em ação: a elegância vestindo a camisa 10

O TÍTULO PAULISTA PERDIDO naquele ano foi muito lamentado pelos palmeirenses. O time mostrou um grande futebol em campo, mas acabaria derrotado pelo adiamento das finais conseguido por Vicente Matheus na Justiça

VERDÃO MARAVILHA

O Palmeiras já está classificado para as finais do Paulistão-79. Mais que isso, está jogando um futebol que lembra a melhor fase do nosso futebol. Alegre, moleque, rápido, insinuante e cheio de garra, o time de Telê parte pra cima e faz gols em cima de gols, pintando como campeão

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Fim do jogo, um grito de alegria correu pelas rampas do Morumbi: é campeão, é campeão... Cartolas e torcedores invadiram o vestiário e, num canto, como bom macaco velho, sorriso maroto no canto da boca, mão esquerda espremendo uma espinha imaginária, Telê Santana, o maestro da orquestra sem medalhões, agarrou-se a um galho verde.

— É, foi mesmo uma grande exibição. Mas isso não quer dizer que já somos campeões. Ainda temos um bom caminho pela frente.

Deixou que todos se esfriassem um pouco e logo depois, confiante e sem rodeios, disse mais ou menos o que eles queriam ouvir.

— De qualquer forma, se tudo continuar assim, dificilmente deixaremos de chegar ao título.

Em poucas palavras, tudo verdade. Se o futebol não tivesse também sua parte ilógica, aquela que matreiramente costuma pregar boas peças nos bichos-papões, coisa que Telê conhece bem, e também ele, depois do que todos viram seu time fazer na goleada contra o Santos, poderia, tranqüilamente, ter entrado no animado cordão.

Mas Telê, inteligente, preferiu ver as coisas no seu todo. Ver, por exemplo, que se o Palmeiras fez cinco gols — e poderia ter chegado aos sete —, o Santos, não fosse a tarde de graça do goleiro Gilmar, também poderia ter feito uns três ou quatro gols. E sentir, exatamente, por que o Santos não foi uma carne assada, que seu time — que já é finalista — tem tudo para chegar ao título, devendo apenas aguardar a melhor hora para botar seu bloco na rua.

E nem se pense que o Santos só teve chances de ir além do golzinho marcado por Juari, fazendo Gilmar deixar o campo carregando os prêmios dados ao melhor do jogo, que o Palmeiras em algum momento mostrou-se um time falho ou deixou de ser massacrante, preciso e maravilhoso, como já tinha sido contra o Guarani, uma semana antes.

Pois é exatamente neste e em outros detalhes que a torcida pode se agarrar para declarar o Verdão como sério candidato ao caneco. Na segurança de Gilmar, sempre pronto para grandes defesas quando a bola chega até ele; na seriedade da zaga, que se dá ao luxo de ter um Silva no banco; no trabalho equilibrado do meio-campo, onde Pires e Mococa são dois pequenos demônios, e na habilidade do ataque, onde até Jorge Mendonça, único cartaz, tem dado exemplo de humildade.

O Palmeiras não goleou porque o Santos jogou mal. Longe disso. Foi um jogão de bola, provavelmente o melhor desse conturbado campeonato, mostrando, mais uma vez, que apesar dos cartolas, da terrível tabela, o futebol ainda consegue ir se salvando.

O Palmeiras goleou — e pode chegar ao título — porque jogou sem firulas. Porque correu sempre pelo caminho que leva ao gol e porque — aleluia, aleluia! — redescobriu que o grande segredo do futebol ainda continua sendo a simplicidade.

"O TIME DE TELÊ — QUE JÁ É FINALISTA — TEM TUDO PARA CHEGAR AO TÍTULO, DEVENDO APENAS AGUARDAR A MELHOR HORA PARA BOTAR SEU BLOCO NA RUA"

18/11/79 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 5 X 1 SANTOS
J: Ulisses Tavares da Silva Filho; **R:** Cr$ 2 980 350; **P:** 45 645; **G:** Polozzi 2, Carlos Alberto 45 do 1º; Juari 14, César 15, Jorgunho 29 e 39 do 2º; **E:** Mococa e Aílton Lira
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho; Pires, Mococa e Jorge Mendonça; Jorginho, Carlos Alberto Seixas (César) e Baroninho (Nei).
T: Telê Santana
SANTOS: Pais, Nélson, Cassiá, Fernando e Gilberto; Gilberto Costa, Rubens Feijão (Aílton Lira) e Pita; Nílton Batata, Juari e João Paulo. **T:** Pepe

Jorginho no massacre em cima do Santos: só faltou um título

ÚLTIMA RODADA DA "FASE FINAL" DO BRASILEIRO. O Palmeiras jogava pelo empate para chegar às semifinais. Jogando em casa, tricampeão estadual, o Flamengo estava confiante na vitória que o classificaria. Aí...

PALMEIRAS

5 x 1 no Santos; 5 x 1 na Lusa; 5 x 1 no Comercial; 4 x 0 no São Bento; 4 x 1 no Mengo; cuidado, Inter, lá vem bala!

>> POR MARCELO REZENDE

— Não posso dar entrevista agora, irmão, estou tremendo de medo do Maracanã, né mesmo, Mococa (Jorge Mendonça)?

— Até que para um bando de medrosos nos saímos direitinho com esses 4 x 1 no Flamengo, né mesmo, Mendonça (Pires)?

— Olha como estou tremendo no Maracanã — tremendo de alegria. Você está tremendo, Pires (Mococa)?

O Trio Negro do Palmeiras — Pires, Mococa e Mendonça — está diante do espelho do vestiário do Maracanã. Os três últimos dão os retoques na roupa simples, tão simples como o futebol que liqüidou, momentos antes, a banca do Mengão tricampeão.

Cercados de torcedores, jornalistas e dirigentes, todos à procura de autógrafos e camisas, Mococa, ex-juvenil posto à venda, há um ano e meio mais ou menos, por 500 mil cruzeiros, sem conseguir comprador; Jorge Mendonça, o rebelde, o temperamental que entrou na linha com Telê Santana; e Pires, promessa de craque por muito tempo e agora "chefe de área do Verdão", falam com simplicidade — a mesma simplicidade com que executam penetrações precisas, dão passes na medida, dominam o adversário.

Simplicidade de quem, em campo, fez parte de um time que surpreendeu o Rio de Janeiro — um Palmeiras praticando toda a teoria de Cláudio Coutinho, o técnico da equipe adversária. Não só pela goleada de 4 x 1, porque poderia ser de mais (quem não se lembra de César, ainda no primeiro tempo, livre diante do gol vazio e chutando no travessão?), mas pela execução de diversas tramas ensaiadas.

Três responsáveis por esse futebol são justamente aqueles três crioulos do meio-campo: um Pires corajoso, forte nas divididas, lutador; um Mococa que estreou no Maracanã mostrando técnica aliada à fúria e até violência, um garoto que em momento algum se intimida; e um Jorge Mendonça clássico, passadas e dribles elegantes, a se desvencilhar dos adversários e, como dado novo, dividindo todas no meio-campo, sem medo de colocar a perna.

Os três mandaram no Maracanã. E agora, no vestiário, são os heróis. Um deles, Jorge Mendonça, cabelo black, jeito manhoso, fala escorregadia, está capengando, sente muitas dores na perna:

— Torci o joelho sozinho.

Que nada — levou uma botinada de Dequinha, mas prefere silenciar. Afinal, aprendeu com Telê que reclamar pouco adianta — o negócio é chegar junto, dividir, porque "dividida é terra de ninguém".

E ganhando todos os lances, levando o Palmeiras para a área do Flamengo, Mendonça fez o primeiro gol, num deslocamento de César pela esquerda — entrou pela direita e tocou livre. Zico ainda empatou, de pênalti, para infelicidade do Flamengo. Pois o gol despertou o Palmeiras, que, apesar da vantagem de jogar pelo empate, partiu para mais três gols.

Mas como esses garotos, rostos cheios de espinhas, comandados por aquele lourinho Pedrinho, um lateral-esquerdo com cara de bebê, podem ser tão ousados para enfrentar o Flamengo tricampeão em pleno Maracanã?

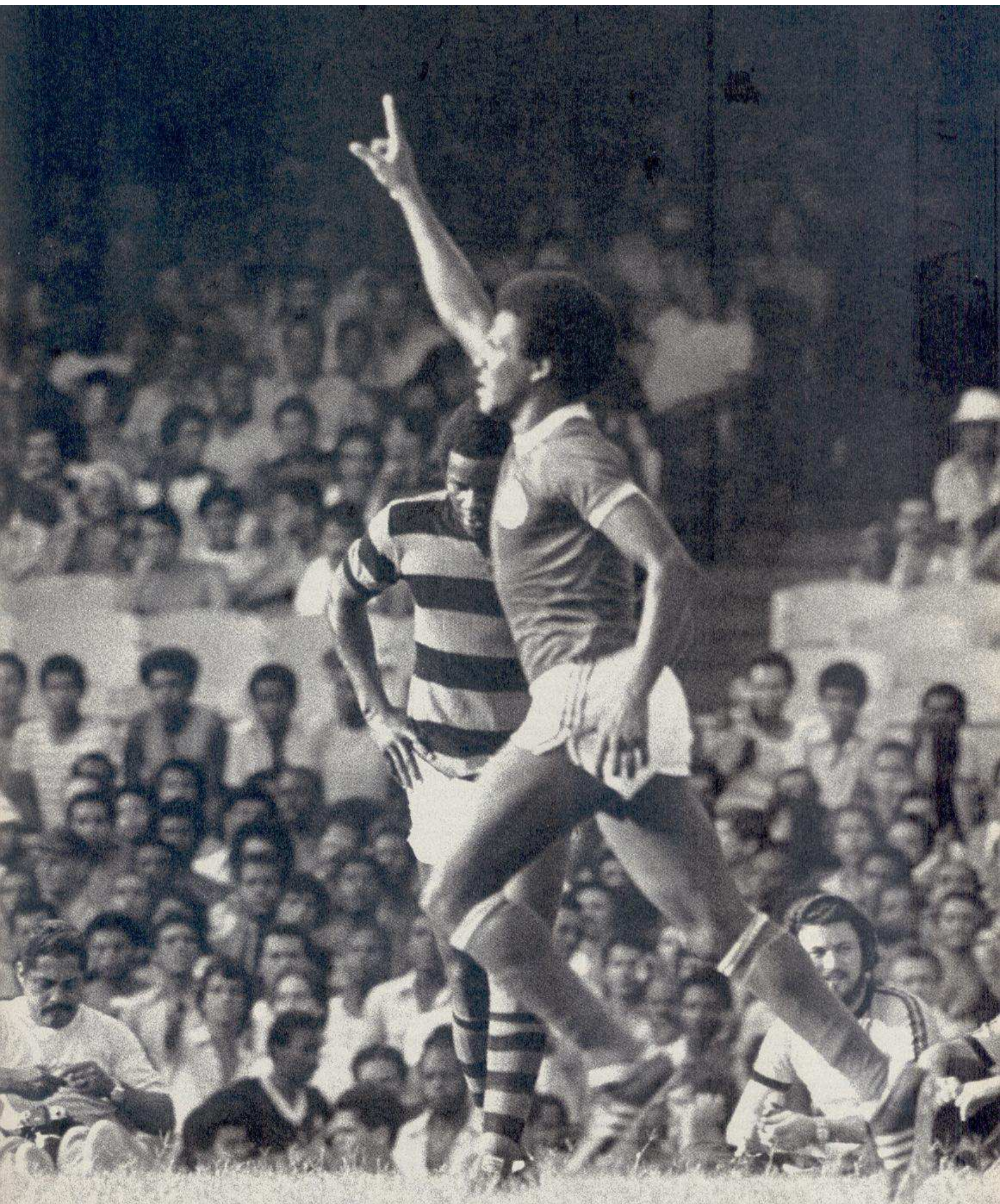
Tudo aparência: os meninos, na verdade, são homens feitos, calmos, sabem esperar o momento certo para dar o bote final. Até fazem lembrar a aquela antiga Academia do Palmeiras, de contra-ataques mortais, de toque cadenciado, calculado, tramado — e gol.

Pelo menos o Rio de Janeiro ficou surpreso com um Palmeiras que fez linha de passe dentro da área do Flamengo.

E no fim, o técnico Cláudio Coutinho reconhecia tamanha superioridade:

— Mereceram a vitória. Claro que ficamos em desvantagem porque o Júnior se machucou, mas o Palmeiras mostrou pinta de campeão brasileiro.

"COMO ESSES GAROTOS, ROSTOS CHEIOS DE ESPINHAS, COMANDADOS POR AQUELE LOURINHO PEDRINHO, UM LATERAL-ESQUERDO COM CARA DE BEBÊ, PODEM SER TÃO OUSADOS PARA ENFRENTAR O FLAMENGO TRICAMPEÃO EM PLENO MARACANÃ?"

9/12/79 MARACANÃ (RIO DE JANEIRO)
FLAMENGO 1 X 4 PALMEIRAS
J: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); **R:** Cr$ 8 227 830; **P:** 112 047; **G:** Jorge Mendonça 11 do 1º; Zico (pênalti) 9, Carlos Alberto 24, Pedrinho 31 e Zé Mário 45 do 2º; **E:** Beijoca
FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Manguito, Dequinha e Júnior; Paulo César Carpegiani, Adílio (Beijoca) e Zico; Reinaldo (Carlos Henrique), Cláudio Adão e Tita.
T: Cláudio Coutinho
PALMEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho; Pires, Mococa e Jorge Mendonça; Jorginho (Carlos Alberto Seixas), César (Zé Mário) e Baroninho.
T: Telê Santana

Jorge Mendonça abre o placar:
ainda viria muito mais

A VITÓRIA SOBRE O GUARANI, num Parque Antártica lotado (até hoje os 33 863 pagantes não foram superados em Brasileirões), foi comemorada como um título. Tirou o time da incômoda segundona e o levou às finais da Taça de Ouro daquele mesmo ano

É CAMPEÃO, SIM!

Campeão do grupo mais forte da Taça de Prata, do único grupo com campeões brasileiros. Campeão também do otimismo que a vitória diante do Guarani fez renascer. E campeão, principalmente, pela autoconfiança readquirida. Campeão de si mesmo

>> POR MAURÍCIO CARDOSO

"É campeão, é campeão." Nas superlotadas arquibancadas do Parque Antártica a frenética torcida palmeirense berrava com todas as suas forças. No gramado jogadores se abraçavam emocionados, choravam alguns, outros faziam candentes declarações ao primeiro microfone, e na falta de uma volta olímpica tiravam as camisas e agradecidos as jogavam para a massa que continuava em seu delírio: "É campeão, é campeão".

Mas campeão de quê?, poderia perguntar alguém que quisesse se ater simplesmente aos fatos. Na verdade, a partida que se acabara de jogar tinha todas as características de uma final — jogo disputado do primeiro ao último minuto com muita garra, nervosismo ganhando de classe, alguma violência, tumultos, 11 expulsões, suspense, tudo de uma final — mas não era uma final de campeonato. O cenário também era adequado para uma conquista palmeirense: afinal, foi nesse mesmo Parque Antártica que em 18 de agosto de 1976 o Palmeiras conquistou seu último título, campeão paulista, ao vencer o XV de Piracicaba por 1 x 0. Mas não havia nenhum título em disputa. O Palmeiras também se deu ares de campeão, ao vencer o Guarani por 2 x 0 jogando com personalidade, se impondo pela garra e pela técnica, de acordo com a necessidade, mas não era mais que um mero vencedor de grupo de Taça de Prata. Campeão de quê?

Naquele momento, se conseguisse parar de delirar, qualquer palmeirense haveria de responder que o Palmeiras era o mais lídimo campeão de si mesmo. O Palmeiras acabava de se reconquistar. "Voltamos a ser grandes", declarava o exultante Romeu e repetiam seus companheiros. "Acabou o sufoco. Agora teremos mais tranqüilidade para crescer", se aliviava o técnico Dudu.

O retorno à Taça de Ouro, ao convívio dos grandes, foi um reencontro do Palmeiras consigo mesmo. O renascimento do Palmeiras 18 vezes campeão, campeão do Rio-São Paulo, campeão da extinta Taça de Prata, bicampeão brasileiro.

Foi o reencontro do Palmeiras com sua torcida. Ela, que passou o ano de 1980 mal com seu time, resolveu dar-lhe um crédito em 1981 e se constituiu no grande sucesso de rendas do atual Campeonato Brasileiro. Uma torcida que se transformou e provocou uma transformação no comportamento do próprio time. Há alguns anos, dizendo-se enfastiada de tantas conquistas, ela se tornou fria e indiferente. Hoje, curtida por infindáveis crises, está vencendo a competição da paixão e da vibração, apoiando o time em qualquer circunstância, comparecendo ao estádio mesmo quando a esperança é pouca e o retrospecto não recomenda.

Esse estado de espírito passou também para dentro do gramado. "Já não há mais lugar para velhas academias", diz o técnico Dudu. "Podemos não ser superiores tecnicamente, mas temos de superar a todos em luta e dedicação. Podemos até perder, mas jamais podemos nos entregar."

Mas a vitória do Palmeiras sobre o Guarani marcou também seu reencontro com um craque. Ou Sena não é craque? Pelo menos na noite de quarta-feira ele portou-se como tal, deixando a marca de gênio em lances decisivos da partida, e marcando os dois gols. Jorge Mendonça, atualmente no Guarani, se omitia totalmente da partida. Um craque, sem dúvida, mas que não tem lugar no novo e aguerrido Palmeiras.

"O RETORNO À TAÇA DE OURO, AO CONVÍVIO DOS GRANDES, FOI UM REENCONTRO DO PALMEIRAS CONSIGO MESMO"

25/2/81 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 2 X 0 GUARANI
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia; **R:** Cr$ 3 710 600; **P:** 33 863; **G:** Sena 11 e 31 do 2º; **CA:** Darinta, Edmar e Lúcio; **E:** Édson 31, Jorge Mendonça, Marquinhos e Vítor Hugo 39 e Careca 41 do 2º
PALMEIRAS: João Marcos, Benazzi, Marquinhos, Darinta e Jaime Bôni; Vítor Hugo, Sena e Célio; Osni, Paulinho e Baroninho (Romeu). **T:** Dudu
GUARANI: Birigüi, Miranda, Édson Magalhães, Édson e Almeida; Edmar (Paulo César), Ângelo e Jorge Mendonça; Lúcio, Careca e Capitão (Da Costa). **T:** Zé Duarte

Darinta contra Lúcio, Jaime Bôni eVítor Hugo contra Careca: emoção no Palestra lotado

O PALMEIRAS FOI MAL no Campeonato Brasileiro de 1985, mas uma partida ficou marcada na história: o empate em quatro gols no Pacaembu, conseguido no último minuto e depois de Careca perder um pênalti

90 MINUTOS SÓ DE EMOÇÃO

Um jogão do começo ao fim: dois pênaltis perdidos, um golaço de Pita e o empate no último instante

A obra de Jorge Amado, a música da Sinfônica de Campinas e da família Caymmi, devidamente acompanhada por Caetano Veloso, um golaço de Pita e as emoções de um empate cheio de reviravoltas com o Palmeiras foram manifestações artísticas que Cilinho põe na mesma conta para concluir que passou um sábado maravilhoso. "O jogo São Paulo 4 x 4 Palmeiras foi algo comparável ao show em homenagem a Jorge Amado a que fui assistir após a partida", sintetizava o eclético técnico são-paulino já na manhã de domingo, um pouco antes de dar um passeio pela feira de antigüidades do Museu de Arte de São Paulo, ao lado de dona Cila, sua mulher.

Cilinho estava tranqüilo e satisfeito, bem diferente daquele que deixou o Pacaembu correndo, dando a entender que estava arrasado com a perda de um pênalti por Careca aos 43 minutos do segundo tempo e com o milagroso gol conseguido pelos palmeirenses aos 45. "Só saí rapidamente porque tinha de encontrar minha mulher para irmos ao show. Quanto ao pênalti, só perde quem cobra. Por isso é que esse tal de futebol carrega tanta emoção."

É claro que Cilinho queria a vitória, mas ele preferia lembrar a boa partida de seus garotos. "É precisa que se dê um pouco mais de cancha a eles. Basta ter paciência e esperar que se acostumem com a emoção dos grandes espetáculos."

Entre os jogadores, ainda no vestiário, nem todos entendiam como era possível ter cedido o empate no final. Oscar, que fez um gol e mandou uma bola na trave de Leão, não se conformava em ter levado 27 gols em 13 jogos. "Isso nunca aconteceu na minha carreira. E o azar neste sábado? Quando Careca correu para bater o pênalti, eu achei que o jogo estava liqüidado."

Até a torcida do Palmeiras, que já havia começado a abandonar as arquibancadas quando o São Paulo fez 3 x 1 e voltou quando o time empatou, também perdeu a esperança. Foi embora de novo, para de novo voltar quando o Palmeiras chegou aos 4 x 4, logo em seguida ao pênalti perdido por Careca. Foi um empate que fez a alegria do diretor de futebol Aldo di Mauro, obrigado a ver o jogo das arquibancadas, pois está suspenso. Descendo para o vestiário, ela ainda parou para ver Careca bater o pênalti. Nem se emocionou quando a bola bateu no travessão. Mas quando o Palmeiras empatou, ele esqueceu a crise que se instalou no Parque Antártica.

Os 4 x 4 acabaram sendo comemorados. O Palmeiras esteve sempre atrás no marcador. Por isso, animado, o lateral Ditinho, que fez o gol de empate no último minuto de jogo, garantiu: "Já que somos um time grande, nós mesmos temos de dar um jeito de sair dessa crise. E vamos sair."

O meia Mendonça também acha que novos ares soprarão no Parque Antártica, embora ninguém espere mais nada nesta Taça de Ouro: "A sorte está de volta. Eu mesmo tive sorte. Quando cobrei a falta no terceiro gol, a bola bateu na barreira e voltou ao meu pé. Para melhorar as coisas, a barreira ainda abriu."

O técnico Mário Travaglini ficou eufórico. "Foi um jogo histórico, que marcou a retomada do futebol-arte. Não houve uma única jogada desleal", vibrava. "Eu fui correndo para casa, louco para ver o teipe. Foi mesmo um show." Cilinho concordava com o técnico do Palmeiras. "Foi fora-de-série."

"O TÉCNICO MÁRIO TRAVAGLINI FICOU EUFÓRICO. 'FOI UM JOGO HISTÓRICO, QUE MARCOU A RETOMADA DO FUTEBOL-ARTE. NÃO HOUVE UMA ÚNICA JOGADA DESLEAL'"

16/3/85 PACAEMBU (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 4 X 4 PALMEIRAS

J: Luís Carlos Antunes; **R:** Cr$ 107 016 000; **P:** 22 103; **G:** Pita 11, Jorginho 40 e Muller 45 do 1º; Careca (pênalti) 3, Mendonça 17 e 20, Oscar 28 e Ditinho 45 do 2º; **CA:** Fonseca, Ditinho, Rocha, Vágner e Leão

SÃO PAULO: Barbirotto, Éder Taino, Oscar, Fonseca e Nelsinho; Márcio Araújo, Silas (Vizolli) e Pita; Müller, Careca e Sídnei. **T:** Cilinho

PALMEIRAS: Leão, Ditinho, Maxwell, Vágner e Paulo Roberto; Rocha, Paulinho (Gilcimar) e Mendonça; Barbosa, Reinaldo (Hélio) e Jorginho. **T:** Mário Travaglini

A barreira abre na cobrança de Mendonça: o Palmeiras reagia

A HISTÓRICA GOLEADA abriu caminho para o Verdão, que nas semifinais voltaria a enfrentar e derrotar o rival, antes da amarga decisão contra a Inter de Limeira

SURGE O ALVIVERDE IMPONENTE

A máquina palmeirense goleia o Corinthians por 5 x 1 e mostra jogo para encerrar o jejum de títulos

POR JOÃO CARLOS RODRIGUES E NELSON URT

Os palmeirenses pareciam não acreditar no que viam. Até os centroavantes Edmar e Mirandinha, inimigos declarados por causa da disputa pela camisa 9, saíram de mãos dadas para comemorar o quarto gol. O capitão Nicoli, implacável corneteiro, distribuía elogios em vez das costumeiras rabugices. "Parabéns, menino, pelo segundo gol", dirigia-se a Edu. "Você pôs o pé na forma." Ao final da goleada de 5 x 1 sobre o Corinthians, no último domingo, 3, no Morumbi, tudo era lucro para o Palmeiras. O time, enfim, mostrava ao mais exigente de seus torcedores que, finalmente, está preparado para voltar a ser campeão.

Restam-lhe ainda três jogos. Mas, ao somar 43 pontos e manter-se como vice-líder do segundo turno e da colocação geral, só um desastre irá afastá-lo do quadrangular decisivo do Campeonato Paulista.

No Morumbi, a humilhação corintiana poderia ter sido maior, se dependesse da vontade do zagueiro Vágner. "Eu queria que metêssemos uns dez", contou o capitão alviverde. "Só pedi para o time não dar olé porque isso é desprezo ao adversário." No início do ano, ele quase foi para o Corinthians. Seria uma forma de atender ao apelo do seu amigo Rubens Minelli. "Dou-lhe nota 10,5", ditava o treinador corintiano sem esconder seu apreço por Vágner. E não havia exagero. Com uma bela cabeçada, aproveitando um cruzamento de Éder, quando o jogo ainda não tinha 2 minutos, ele deu o golpe inicial para abrir a guarda do adversário. A seguir, comandou a defesa e a ajudou a aliviar os momentos de sufoco.

Há determinação em suas atuações. Depois de tirar o Corinthians do pensamento, Vágner reformou o contrato com o Palmeiras. Aí passou a pensar firmemente em não sair antes de dar ao clube o título perseguido há dez anos. No entanto, é um sujeito ponderado. "Essa goleada não pode subir à cabeça", ensina. "Não nos devemos esquecer da amarga experiência do ano passado, quando o XV de Jaú nos tirou da final", lembra, já vacinado contra elogios fáceis. Mulato de bigodes grossos, o "Bacharel" — apelido que ganhou depois de tanto usá-lo para tratar os outros — recebeu também quase todos os prêmios de melhor em campo. "Mostramos um poder de reação incomum", exultava.

Um dos riscos de Carbone foi colidir com o intocável Émerson Leão, sacado por ele do time após a derrota de 1 x 0 para o São Bento no último dia 20 de julho. Ele apostou em Martorelli, que passou metade dos seus 24 anos no Parque Antártica. "Você é um técnico de coragem", dizia-lhe um corneteiro. "Agora já podemos vender Leão", aconselhava.

Martorelli, até há pouco tempo alvo de desconfianças, só andou irritado com a presença do pai. É que o velho palestrino Antônio, mesmo adoentado, não deixou de ir ao Morumbi. "Eu não falei para o senhor ficar em casa?", ralhou o goleiro. "Eu não podia faltar no seu grande dia", respondia "seu" Antônio, com um sorriso que ia até a nuca. Martorelli, enfim, acabou dando razão ao pai. "Há tempos me sinto em condições de ser titular, mesmo que, para isso, tivesse de barrar Leão", comemorava.

"Demos muito espaço para eles", lamentava Carlos. Para o Palmeiras, ao contrário, cada gol servira para enriquecer a história desse grande duelo.

> **"UM DOS RISCOS DE CARBONE FOI COLIDIR COM O INTOCÁVEL ÉMERSON LEÃO. ELE APOSTOU EM MARTORELLI, QUE PASSOU METADE DOS SEUS 24 ANOS NO PARQUE ANTÁRTICA"**

3/8/86 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 5 X 1 CORINTHIANS
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia; **R:** Cz$ 1 643 340; **P:** 55 641; **G:** Vágner 1 e Edu Manga 31 do 1º; Edmar 11, Mirandinha 31, Edmar 44 e Casagrande 45 do 2º;
E: Paulo e Wílson Mano
PALMEIRAS: Martorelli, Diogo, Márcio, Vágner e Denys; Lino, Mendonça e Edu Manga; Edmar, Mirandinha e Éder. **T:** Carbone
CORINTHIANS: Carlos, Édson, Paulo, Edivaldo e Jacenir; Wílson Mano, Luís Fernando e Casagrande; Cristóvão (Pinella), Lima e João Paulo. **T:** Rubens Minelli

Três na mesma bola:
Martorelli, Márcio e Diogo

O LONGO JEJUM terminaria da melhor forma possível, na noite de 12 de junho: com uma goleada incontestável sobre o Corinthians na decisão paulista

QUE DELÍRIO: GANHAR UM TÍTULO SOBRE O CORINTHIANS E POR GOLEADA

Era de uma conquista assim, vencida assim, que o Palmeiras precisava para se livrar do fardo de 16 anos sem título

Começo de noite de sábado, 12 de junho. A torcida palmeirense agita suas bandeiras, e canta, e chora, e ri, e pula, e grita: "É campeão, é campeão!" Ela está leve e redimida, depois de sofrer humilhações contínuas durante seu longo jejum de faixas e canecos. Tudo isso acabou, virou pó, coisa de nada. Só o que vale e importa é festejar a dulcíssima conquista desse 19º título paulista da história do clube. No gramado, a mesma festa, as mesmas lágrimas, a mesma explosão incontida de felicidade. Mazinho dá um abraço de tirar fôlego em Roberto Carlos. Antônio Carlos ergue o troféu com lágrimas nos olhos. César Sampaio não consegue parar de rir. Edmundo corre de um lado para o outro, parecendo fugir da marcação de beques invisíveis. Sempre que encontra um microfone à sua frente, desabafa: "Futebol se ganha é dentro de campo, e não falando."

Como Edmundo e a torcida, todos os jogadores também se sentem redimidos. A semana foi de cão, lendo e ouvindo os corintianos dando-os como mortos e sepultados depois da derrota de 1 x 0 na primeira partida das finais, seis dias antes. Por isso, toda essa alegria desvairada. Por isso, toda aquela garra e gana de vencer mostradas durante a partida final contra o Corinthians, que culminou na saborosa goleada de 4 x 0 e em mais um título estadual. Era de uma conquista assim que o Palmeiras precisava para se livrar do fardo de 16 anos sem título.

Discussões pela cidade, os palmeirenses eram considerados incapazes de reverter a situação criada pela derrota de 1 x 0. O fato de o centroavante Viola ter comemorado o gol daquela vitória imitando um porco também ajudou a atiçar o fogo do amor-próprio na alma palmeirense.

E o coração da torcida não se enganara. Pois só deu mesmo Palmeiras. Enquanto Evair, Edmundo e Edílson faziam a defesa do Corinthians bater cabeça com lances rápidos e de habilidade, César Sampaio, Zinho e Daniel imperavam soberanos no meio-campo. O primeiro gol (Zinho, aos 37) até que demorou muito, tal o domínio que o Palmeiras exercia por todo o gramado. Dois minutos depois, Henrique era expulso por entrar deslealmente em Edílson, tomando ainda mais difícil qualquer reação.

No segundo tempo, nada mudou. O Palmeiras atacava em ondas, o Corinthians resistia como podia. Aos 16, Edmundo é lançado em velocidade. O goleiro Ronaldo abandona sua área e derruba-o de forma grotesca na intermediária. Como já levara cartão amarelo, só restou ao árbitro expulsá-lo também.

Aos 29, o golpe de misericórdia: Evair marca o segundo gol, aproveitando um passe açucarado de Mazinho. O Palmeiras revertera o quadro e agora dependia somente de um empate na prorrogação para chegar ao título. O ataque do Parque Antártica ainda faria um terceiro gol, com Edílson aproveitando o rebote de um chute de Evair na trave.

Aos 9, Edmundo ganha uma disputa de bola dentro da área com Ricardo, dribla e é derrubado. Pênalti. Indiscutível. Ezequiel reclama e ganha um cartão vermelho. Evair bate com a categoria de sempre. É o gol da redenção. É o grito comovente de campeão. De Palmeiras campeão, campeão.

"ENQUANTO EVAIR, EDMUNDO E EDÍLSON FAZIAM A DEFESA DO CORINTHIANS BATER CABEÇA COM LANCES RÁPIDOS E DE HABILIDADE, CÉSAR SAMPAIO, ZINHO E DANIEL IMPERAVAM SOBERANOS NO MEIO-CAMPO"

12/6/93 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 4 X 0 CORINTHIANS

J: José Aparecido de Oliveira; **R:** Cr$ 18 154 900 000; **P:** 104 401; **G:** Zinho 36 do 1º; Evair 28, Edílson 38 do 2º; Evair (pênalti) 10 do 1º tempo da prorrogação;
E: Henrique, Ronaldo, Tonhão, Ezequiel
PALMEIRAS: Sérgio, Mazinho, Antônio Carlos, Tonhão e Roberto Carlos; César Sampaio, Daniel, Edílson (Jean Carlo) e Zinho; Edmundo e Evair.
T: Wanderley Luxemburgo
CORINTHIANS: Ronaldo; Leandro, Marcelo, Henrique e Ricardo; Ezequiel, Marcelinho Paulista, Paulo Sérgio e Adil (Tupãzinho, depois Wilson); Viola e Neto.
T: Nelsinho Baptista

O momento da consagração de
Evair: o gol que selou a conquista

O TORNEIO RIO-SÃO PAULO voltou a ser disputado após 27 anos. A final foi um repeteco do Paulistão de algumas semanas antes

DOSE DUPLA DE EMOÇÃO

Mesmo com seus craques na Seleção, o Verdão ganhou seu segundo título do ano em cima do Corinthians

Assim que o juiz mineiro Márcio Rezende de Freitas terminou a partida entre Palmeiras e Corinthians, na final do Torneio Rio-São Paulo, o volante Amaral correu para o orelhão localizado atrás do gol de entrada do Pacaembu, tirou o telefone do gancho e discou para a casa do pai. "Só liguei para gritar campeão", disse eufórico. A alegria do craque palmeirense refletia o sentimento de toda a torcida: não importavam as críticas feitas à CBF pela desorganizada recriação do torneio, e sim o grito de campeão que ecoava.

O empate em 0 x 0, é verdade, não lembrava os inesquecíveis 4 x 0 aplicados sobre o mesmo Corinthians na final do Paulista, mas assegurava, apenas 56 dias depois, o segundo título alviverde da fase pós-jejum. E tinha um sabor especial. Afinal, em vez de Evair, Antônio Carlos e os outros cobras da "máquina" do início do ano, a vitória dessa vez fora assegurada por heróis como Cláudio, Tonhão, Alexandre Rosa e Maurílio, tratados com desprezo pelos rivais.

"Provamos mais uma vez nossa categoria", gritava um empolgado Tonhão, depois do resultado que garantiu a conquista. Azar do Corinthians, que, reforçado pelo quarteto Válber, Leto, Rivaldo e Admílson, na época recém-contratados ao Mogi-Mirim, tornou-se a sensação da primeira fase e favorito absoluto até as finais contra o Palmeiras.

Foi aí que funcionou a estrela do técnico Wanderley Luxemburgo. Quando todos imaginavam que o time tentaria segurar um empate no primeiro jogo da decisão, explorando apenas os contra-ataques, Luxemburgo colocou a equipe no ataque. Para melhorar, o atacante Edmundo estava em noite de gala e, com uma atuação brilhante, marcou os dois gols da vitória de 2 x 0, que deu a vantagem do empate ao Verdão na segunda partida.

Aí, a receita mudou. Como Edmundo também desfalcaria o time por ter sido expulso no primeiro jogo, a equipe fechou-se na defesa e passou os 90 minutos aliviando o perigo de sua área. "É a minha afirmação definitiva", alegrava-se o volante Amaral. O mais eufórico, no entanto, era o lateral-direito Cláudio. Na comemoração, chegou a jogar todo o uniforme para a torcida. Depois, ao dar-se conta do que havia feito, deixou o gramado envergonhado por trajar apenas uma sunga. Tudo era válido, porém, para comemorar a volta do Verdão ao restrito grupo dos clubes campeões.

"O JOGO FOI UMA LOUCURA, AO QUAL NÃO FALTARAM LANCES DE HEROÍSMO. NUM JOGO ASSIM, O DONO DA CASA GERALMENTE LEVA VANTAGEM"

7/8/93 PACAEMBU (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 0 X 0 CORINTHIANS
J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** Cr$ 9 814 350; **P:** 28 363; **CA:** Luís Carlos Winck, Admílson, Rivaldo, Flávio Conceição, Roberto Carlos e Sérgio
PALMEIRAS: Sérgio, Cláudio, Tonhão, Alexandre Rosa e Roberto Carlos; César Sampaio, Flávio Conceição (Paulo Sérgio), Amaral e Jean Carlo; Maurílio e Edílson. **T:** Wanderley Luxemburgo
CORINTHIANS: Ronaldo, Luís Carlos Winck (Leandro Silva), Marcelo, Henrique e Admílson (Bobô); Marcelinho, Ezequiel e Válber; Leto, Viola e Rivaldo. **T:** Nelsinho Baptista

Cláudio e Rivaldo disputam no ar:
segunda vitória palmeirense

O TIMAÇO QUE A PARMALAT montou para o Palmeiras começou a dar frutos naquele ano: campeão paulista, do Rio-São Paulo, e, no fim do ano, campeão brasileiro. Um ano inesquecível para quem ficou 16 anos na fila

AGORA, TÓQUIO

Com bom futebol e muita organização fora de campo, o Verdão papou o terceiro caneco do ano e promete vôos ainda mais altos em 1994. Como o Mundial Interclubes

Fim da decisão entre Palmeiras e Vitória, no Morumbi. Os jogadores do Verdão fazem a festa. Correndo de um lado para outro, trocam abraços, pulam e gritam. Afastado dos outros, o meio-campista Mazinho dá, solitário, uma volta olímpica particular. Gira sua camisa 8 na mão direita. A alegria de seu sorriso contrasta com seus olhos lacrimejantes, enquanto grita insistentemente: "Se dependesse de minha felicidade, daria umas dez voltas seguidas pelo campo." Como ele, mais de 88 mil pessoas exibiam o mesmo riso largo e os olhos igualmente marejados de lágrimas em todas as dependências do estádio.

Pela primeira vez nos últimos 20 anos, os torcedores vestidos de verde e branco podiam gritar que seu time era o melhor do país. E todos desfilavam orgulhosamente, levando no peito uma faixa de tricampeão. Uniam o título de 1993 aos de 1972 e 1973, conquistados pelo esquadrão liderado pelo eterno Ademir da Guia. Para completar, espalhavam pelas ruas da cidade de São Paulo um novo grito de guerra. "Festa no chiqueiro/É Paulistão, Rio-São Paulo e Brasileiro!", cantavam em coro os torcedores alviverdes, divertindo-se com os três títulos conquistados pelo time em 1993.

A euforia, àquela altura, permitia até alguns exageros. "Esse time é um zoológico", gritava um torcedor, explicando em seguida: "Só tem animal!" O time palmeirense é, de fato, de altíssima qualidade. Não foi à toa, portanto, o duplo triunfo contra o Vitória na decisão, quando venceu por 1 x 0 na Fonte Nova e confirmou o título com os 2 x 0 do Morumbi. Nem foi à toa também a equipe acabar como o melhor ataque da competição, com 40 gols em 22 partidas — média de 1,81 gol por jogo. "Isso é só o resultado de um bom trabalho, criado pelo Palmeiras e pela Parmalat", elogiava o meia Zinho, um dos líderes do elenco.

Mas, além de um belo elenco — talvez o mais forte do futebol brasileiro no final do ano passado —, o Verdão de 1993 foi um grupo que teve amor à camisa em doses generosas. Isso ficou nítido mais uma vez nos vestiários, após a conquista do título brasileiro, quando os titulares e reservas puxaram coros idênticos aos cantados nas arquibancadas. Não faltou sequer o tradicional banho de champanhe, outrora exclusividade são-paulina. "Pedi à diretoria para comprar a bebida", contava o zagueiro Antônio Carlos. Minutos antes, o zagueiro — pivô da maior crise da campanha por se envolver numa discussão com Edmundo — corria pelo campo abraçado com o antigo desafeto. "A briga não foi boa, mas serviu para unir o elenco", afirmava Antônio Carlos. "E foi um dos fatores primordiais para o título." Outra prova de união da equipe foi dada pelo centroavante Evair, que comemorou seu gol, o primeiro do triunfo sobre o Vitória, abraçado ao goleiro Sérgio. "Na hora da decisão, parece que a bola me procura", alegrava-se, aludindo também aos dois gols marcados na final do Paulista.

Outra repetição da final do Paulistão foi a utilização das meias brancas, recomendação do vidente Robério de Ogum, amigo do técnico Vanderley Luxemburgo. Sob a alegação de que elas trazem sorte, foram utilizadas nas finais tanto do Paulistão como do Rio-São Paulo e do Brasileirão.

"OUTRA REPETIÇÃO DA FINAL DO PAULISTÃO FOI A UTILIZAÇÃO DAS MEIAS BRANCAS, RECOMENDAÇÃO DO VIDENTE ROBÉRIO DE OGUM, AMIGO DE LUXEMBURGO"

19/12/93 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 2 X 0 VITÓRIA

J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** Cr$ 169 028 500; **P:** 88 644; **G:** Evair 4 e Edmundo 23 do 1º; **CA:** Gil Sergipano, Rodrigo, João Marcelo e Renato Martins; **E:** China 9 do 2º

PALMEIRAS: Sérgio, Gil Baiano, Antônio Carlos, Cléber (Tonhão) e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Zinho e Edílson; Edmundo e Evair (Sorato). **T:** Vanderley Luxemburgo

VITÓRIA: Dida, Rodrigo, João Marcelo, China e Renato Martins; Gil Sergipano, Roberto Cavalo e Paulo Isidoro; Alex Alves, Claudinho e Giuliano (Fabinho, depois Evandro). **T:** Fito Neves

Dois ídolos de uma equipe de 11 craques: Antônio Carlos (3) e Edmundo

O TIME DE VANDERLEY LUXEMBURGO era tão bom que o técnico se deu ao luxo de barrar Edmundo por indisciplina durante a maior parte da campanha. Com pontos corridos, deu Verdão, seis pontos à frente

CONQUISTA COM TODO MÉRITO

A volta do sistema de pontos corridos fez a justiça prevalecer no futebol paulista e deu ao Verdão o segundo bi de sua história

Depois que o Palmeiras venceu o Ituano por 1 x 0, o centroavante Evair disparou pelo gramado do Parque Antártica feito um menino, mãos erguidas para o céu como se já fosse campeão. O Verdão ainda precisava conquistar mais um ponto para garantir matematicamente o estadual, mas a certeza de Evair era a de todos os palmeirenses: o time seria campeão! O único adversário que ainda poderia alcançar a equipe era o São Paulo — se ganhasse todos os jogos, e bem, e se o Palmeiras perdesse suas duas últimas partidas, desgraça que o belo futebol do time tornava uma hipótese remota. Daí a festa no gramado. "Me dá o seu par de meias, César", implorava o office-boy Francisco David ao capitão César Sampaio.

A consagração definitiva, entretanto, só veio com a vitória de 1 x 0 sobre o Santo André, no ABC paulista. Coroava-se assim um trabalho vitorioso que consumiu quatro meses, incluiu 30 jogos, somou 47 pontos ganhos, o maior número de vitórias (20) e o ataque mais positivo (63 gols). Mas não foi nada fácil. A volta do sistema de turno e returno com pontos corridos (a última disputa nesses moldes acontecera em 1984) resultou em um duelo fantástico entre Palmeiras, Corinthians e São Paulo.

Muitas vezes, porém, a emoção acabou se transformando em tensão. Não demorou para que os atritos começassem a explodir. O primeiro deles partiu da sempre exigente torcida palmeirense. Descontentes com as derrotas contra Ponte Preta e Corinthians, algumas facções uniformizadas deixaram de aplaudir os jogadores. O problema durou até 1° de abril, uma Sexta-feira Santa em que o Verdão esmagou o Guarani por 4 x 2. Foi a redenção dos palmeirenses. A torcida fez as pazes com o time. "À sua maneira, a galera sempre nos deu força", ameniza o lateral-esquerdo Roberto Carlos.

Quando todos imaginavam que as dificuldades internas estavam superadas, o polêmico atacante Edmundo brigou com o técnico Vanderley Luxemburgo ao ser substituído num jogo contra o São Paulo, pela Taça Libertadores. Ficou de fora do restante do Paulistão. O que seria um problema para o time acabou se tornando uma solução. O atacante Edílson, que amargava a reserva, foi escalado e não decepcionou. Tornou-se uma das mais mortíferas armas do Palmeiras na reta final. Evair foi o palmeirense com maiores motivos para comemorar. Além de bi, o camisa 9 marcou 24 gols e foi o artilheiro do Paulistão.

Evair também balançou as redes na vitória de 2 x 1 contra o Corinthians, na última rodada. Era a glória. Afinal, mesmo com a faixa no peito e a taça nas mãos, cada palmeirense sonhava vencer o maior rival para completar a temporada de gala. Além do gol de Evair, o Pacaembu pode assistir a uma obra de arte de Edílson, que driblou toda a defesa corintiana antes de balaçar as redes. Até o colombiano Rincón, que permaneceu apenas quatro meses no Parque Antártica antes de partir para o futebol italiano, soube incorporar o espírito alviverde: "Ganhar do Corinthians tem gosto especial."

Com o título assegurado, o show a ser da torcida, que desfilou pela cidade cantando em coro: "Ei, você aí, o Porco já é bi, o Porco já é bi!" Um bordão que os palmeirenses prometem repetir em 1995, apenas trocando a última palavra por tri.

"EDÍLSON, QUE AMARGAVA A RESERVA, FOI ESCALADO E NÃO DECEPCIONOU. TORNOU-SE UMA DAS MAIS MORTÍFERAS ARMAS DO PALMEIRAS NA RETA FINAL"

12/5/94 BRUNO DANIEL (STO. ANDRÉ)

SANTO ANDRÉ 0 X 1 PALMEIRAS

J: Renato Marsiglia; **R:** CR$ 100 795 000; **P:** 10 839; **G:** Evair 18 do 1°

SANTO ANDRÉ: Sílvio, Marcão, Agnaldo, Correia e Cipó; Candeias, Marcos Paulo (Zinho), Marquinhos, Jorginho e Rizza; Claudinho. **T:** Jair Picerni

PALMEIRAS: Fernández; Cláudio, Tonhão (Alexandre Rosa), Ricardo (Amaral) e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Rincón e Zinho; Edílson e Evair.
T: Vanderley Luxemburgo

Evair no topo da pirâmide:
o bi estava bem encaminhado

TEM GOSTO MELHOR QUE CONQUISTAR o título brasileiro em cima do maior rival? Foi o que Palmeiras conseguiu em 1994. O inesquecível esquadrão alviverde (Antônio Carlos, César Sampaio, Zinho, Rivaldo, Edmundo e Evair) esmagou o Corinthians

A RECEITA DO CAMPEÃO: VITÓRIA DO PROFISSIONALISMO

Os melhores jogadores do país, um estrategista no banco de reservas, a diretoria (finalmente) unida em torno de um objetivo. O Palmeiras, que já tinha todos os ingredientes para ganhar o título, planejou e chegou lá

Como acontece sempre que a bola rola, o campeonato pôs em campo a rivalidade e a paixão do futebol brasileiro e consagrou um grande campeão. O Palmeiras soube ganhar as partidas nos momentos decisivos, ultrapassando o surpreendente Guarani, tido como a melhor equipe da competição até enfrentar o Verdão. Mas, no ano do tetra mundial, o título ficou em boas mãos. Ninguém pode negar que o *vecchio Palestra* — um verdadeiro ninho de cobras — representa o supra-sumo do futebol canarinho, hoje concentrado em terras paulistas. Afinal, sete dos oito times de São Paulo na competição acabaram classificados entre os dez primeiros.

Quando o zagueiro Antônio Carlos entrou no gramado do Parque Antártica puxando a fila de jogadores para a estréia contra o Paraná, um rigoroso plano de ação já havia sido deflagrado. Cada detalhe do que aconteceria nos 127 dias seguintes fora pensado pela comissão técnica. E, na cabeça de cada integrante do elenco palmeirense, havia uma certeza: em 18 de dezembro, o Palmeiras estaria confirmando seu status de melhor time do país.

Até o término do primeiro turno da segunda fase, tudo seguia dentro do combinado, sem nenhuma grande surpresa. O Verdão venceu seu grupo nas duas primeiras etapas. Os problemas começaram no segundo turno, quando o time acumulou derrotas contra Guarani (0 x 1) e Fluminense (1 x 4).

O que impressionava no Verdão de 1994, no entanto, era o bom ambiente, apesar das críticas da torcida. "Tudo mudou este ano", testemunhou o lateral-esquerdo Roberto Carlos. "As brigas e confusões acabaram e o ambiente melhorou muito", completa. O único descontente era o técnico Luxemburgo. Pressionado pelos torcedores das numeradas do Parque Antártica, situadas exatamente atrás do banco de reservas, o técnico ameaçava deixar o clube tão logo o Campeonato acabasse — promessa que cumpriu. Mas, se nos tempos das brigas o Verdão já havia se acostumado a ganhar tudo, a pacificação tornou as vitórias ainda mais fáceis. Assim, o Verdão contabilizou o maior número de pontos (46), o melhor ataque (58 gols) e o maior número de vitórias (20).

"No Brasileiro, chegamos a um estágio em que nenhum jogador faz falta", testemunha o zagueiro Antônio Carlos. "Temos aqui no clube reservas de alta qualidade e um padrão de jogo inigualável." A dificuldade será a manutenção desse mesmo padrão de jogo para a Taça Libertadores e a Copa do Brasil, as prioridades em 1995. "É óbvio que damos uma grande importância ao tricampeonato paulista, mas não vamos repetir o erro de 1994, quando tentamos ganhar o Estadual e perdemos a chance de levantar o Mundial", argumenta o vice-presidente de futebol Seraphim Del Grande.

O dirigente palmeirense já deu o primeiro passo para vencer o Mundial ao renunciar à candidatura pela presidência do clube, favorecendo a reeleição de Mustafá Contursi. Com a pacificação do elenco e dos cartolas, áreas tradicionalmente conturbadas no clube, o Parque Antártica sonha tornar-se a capital mundial da bola em 1995.

"NINGUÉM PODE NEGAR QUE O *VECCHIO PALESTRA* — UM VERDADEIRO NINHO DE COBRAS — REPRESENTA O SUPRA-SUMO DO FUTEBOL CANARINHO"

18/12/94 PACAEMBU (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 1 X 1 CORINTHIANS

J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 372 325; **P:** 35 217; **G:** Marques 3 do 1º e Rivaldo 36 do 2º; **CA:** Marcelinho, Ronaldo, Boiadeiro, César Sampaio, Branco, Gralak e Antônio Carlos; **E:** Branco e Zinho 7 e Luisinho 19 do 2º

PALMEIRAS: Velloso, Cláudio, Antônio Carlos, Cléber e Vágner; César Sampaio, Flávio Conceição (Amaral), Zinho e Rivaldo; Edmundo (Tonhão) e Evair. **T:** Vanderley Luxemburgo

CORINTHIANS: Ronaldo, Paulo Roberto, Henrique, Gralak e Branco; Marcelinho Paulista, Luisinho e Souza (Tupãzinho); Marcelinho, Viola e Marques. **T:** Jair Pereira

O Pacaembu é verde: o melhor foi ter vencido o maior rival

O PALMEIRAS FEZ UMA CAMPANHA QUASE PERFEITA no estadual de 1996: 27 vitórias, dois empates e uma derrota. PLACAR acompanhou a equipe durante uma semana para mostrar os bastidores de um supertime

OITO DIAS COM O VERDÃO

Qual o segredo da supermáquina palmeirense? Para decifrar esse mistério, PLACAR mergulhou de cabeça na rotina palmeirense durante a semana dos clássicos do Paulistão

» POR SÉRGIO XAVIER FILHO

Domingo, 28 de abril

Na preleção, ainda no Hotel Aruá, em Serra Negra, a 152 quilômetros de São Paulo, o técnico passa a mensagem em um tom de voz de pai furioso: "Nada está ganho. Não adianta a gente fazer bonito se não passar pelo São Paulo e levar o campeonato." Quase todos captam o recado. O time ganha de 3 x 2 com grandes atuações de Müller e Rivaldo. Djalminha é substituído e sai irritado de campo. O jogo acaba, Luxemburgo tira os cartolas do vestiário e dá uma ensaboada em Djalminha na frente do time. O craque entra correndo no ônibus e senta no último banco, emburrado.

Segunda, 29 de abril

Mal desce de seu Jeep Cherokee verde, Djalminha é sufocado pelos microfones. Com a mesma classe com que bate na bola, o filho de Djalma Dias explica que estava certo em não gostar da substituição no jogo da véspera, da mesma forma que Luxemburgo tinha razão em criticá-lo. O técnico deixa claro que não era caso de punição nem de caça às bruxas. Acaba em pizza o episódio.

Terça, 30 de abril

Calmaria no CT do Palmeiras. Um treino leve pela manhã e folga à tarde. A pacata terça-feira tem, porém, a bronca diária. Luxemburgo convoca a turma e reclama do salto alto de alguns.

Quarta, 1º de maio

O zagueirão Cléber acorda duplamente preocupado. À tarde o jogo é contra a Portuguesa, time encardido que costuma aprontar com o Verdão. A outra preocupação tem 4,150 quilos, chama-se Rachel e está na Maternidade Santa Joana. A segunda filha de Cléber nasceu na segunda-feira e o jogador só conseguiu vê-la por alguns instantes. O Palmeiras não manda no jogo e arrisca-se a amargar sua primeira derrota depois que Djalminha é expulso. O Verdão marca primeiro com Müller, a Portuguesa empata e só não vira o jogo porque Cléber é o melhor em campo.

Quinta, 2 de maio

Elivélton, o "Gaguinho", como é chamado pelos colegas, deveria estar de folga. Precisa de treino, porém, pois vai entrar no time no lugar do expulso Djalminha. Ficou uma semana parado em função de uma lesão misteriosa. Enquanto Elivélton treina, Velloso se diverte. No dia de folga, o goleiro leva a filha Natália à escola e vira a atração da classe.

Sexta, 3 de maio

Um treino leve, a tradicional bronca de Luxemburgo no vestiário de que "nada está ganho..." e o resto do dia de folga. O italiano Marco Osio sabe bem disso. Com o calendário maluco do Brasil, Osio não consegue programar nada que não seja treino, concentração e jogo. Por isso sua mulher, a bela Federica, está voltando para Parma.

Sábado, 4 de maio

Luxemburgo tenta corrigir no campo o problema dos últimos jogos: a falta de pontaria. Quase perde a paciência com os chutes de Amaral e cobra um melhor aproveitamento do artilheiro Luizão. Na saída do treino, perto do meio-dia, Luizão acelera seu carro nº 2, o BMW 325i (o bólido titular, Mitsubishi Eclipse, está na oficina), para um almoço em companhia feminina.

Domingo, 5 de maio

Aos 42 minutos, sai o gol de empate de Marcelinho. Os palmeirenses não conseguem disfarçar o abatimento e os corintianos comemoram como se fossem campeões. Apenas no vestiário os jogadores se dão conta do óbvio: o Palmeiras está a cinco pontos do Araçatuba e com folga sobre Santos, São Paulo e Corinthians.

"O JOGO ACABA, LUXEMBURGO TIRA OS CARTOLAS DO VESTIÁRIO E DÁ UMA ENSABOADA EM DJALMINHA NA FRENTE DO TIME. O CRAQUE ENTRA CORRENDO NO ÔNIBUS E SENTA NO ÚLTIMO BANCO, EMBURRADO."

2/6/96 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 2 X O SANTOS

J: Oscar Ruíz (Colômbia); **R:** R$ 302 115; **P:** 27 000; **G:** Luizão 6 do 1º; Cléber 33 do 2º; **CA:** Galeano, Amaral, Djalminha, Luizão, Júnior, Narciso, Baiano, Giovanni, Gallo e Macedo; **E:** Edinho

PALMEIRAS: Velloso, Cafu, Sandro, Cléber e Júnior (Elivélton); Galeano, Amaral (Marquinhos), Rivaldo e Djalminha; Müller e Luizão. **T:** Vanderley Luxemburgo

SANTOS: Edinho, Cláudio, Sandro, Narciso e Marcos Adriano; Gallo, Baiano, Jamelli e Robert (Camanducaia); Macedo (Nando) e Giovanni. **T:** Orlando Lelé

Rivaldo: uma das estrelas do supertime de Luxemburgo

NO PRIMEIRO JOGO, no Mineirão, o Cruzeiro venceu por 1 x 0. O gol do título viria no penúltimo minuto da decisão no Morumbi, calando finalmente os críticos de Luiz Felipe Scolari

O DOCE BÁRBARO

Aos berros, Felipão conquistou a Copa do Brasil. Mas, em casa, ele lava a louça e não tira o bigode porque a mulher não deixa

>> **POR CHRISTIAN CARVALHO CRUZ**

Que os machões do pampa não ouçam, mas Luiz Felipe Scolari é um gaúcho que chora. E não só por causa de uma emoção irrefreável como aquela que bateu nos minutos finais do jogo contra o Cruzeiro, na decisão da Copa do Brasil. Ali eram lágrimas de alegria. Mais, de desabafo. O gol de Oséas a dois minutos do término do jogo livrou o técnico do Palmeiras de um fardo de críticas que lhe ardia nas costas desde o fiasco no Campeonato Paulista. Teve cronista esportivo deixando escapar que torceria contra o Palmeiras até que Felipão deixasse o comando. E teve jornal estampando foto do técnico com a corda no pescoço em pleno Dia de Tiradentes.

A antipatia da imprensa se explica: seu jeitão tosco e mal-educado espantou quem estava acostumado com o bom-mocismo de Márcio Araújo, seu antecessor, e de outros técnicos "simpáticos", que apreciam a luz de um holofote, como Vanderley Luxemburgo. Scolari não gosta de falar com a imprensa. O faz com paciência, mas por obrigação. E com suas respostas atravessadas, criou todo um folclore em torno de si.

Gaúcho de Passo Fundo, 49 anos, casado há 24 com a professora Olga Scolari e formado em Educação Física, Felipão ganhou fama de rude, disciplinador, exigente, boca-suja e sargentão (apelido que odeia). Adepto do "quem manda aqui sou eu", é capaz de enclausurar o time inteiro em intermináveis concentrações. Para isso, basta desconfiar que tem jogador caindo na gandaia. "Se tu chegas de manhã e o cara te olha meio de lado, é porque ele estava festando à noite", ensina. "Então, a gente concentra três dias antes do jogo."

Mas é só chegar em casa para Scolari guardar as bombachas no armário. Lava a louça de todo o jantar e até liberou o filho Leonardo, de 15 anos, para usar brinquinho. "Quem manda, mesmo, é a minha nora. Ela é mais gritona. Com a Olga o Felipe não tira farinha", entrega dona Cecy Scolari, de 75 anos, a mãe do técnico. A autoridade da mulher pode ser conferida no rosto de Luiz Felipe. São 30 anos cultivando o bigodão já grisalho. Só o raspou uma única vez, e Olga ficou uma vara. "Durão, o Felipe?", espanta-se o delegado gaúcho e amigo íntimo da família, Ben-Hur Marchiori. "Um sujeito que assiste ao "Ghost" duas vezes e chora nas duas... eu diria que é delicado demais!"

Seu inimigo número 1, no entanto, é a imprensa paulistana. Scolari agrediu com um soco no rosto o repórter Gilvan Ribeiro, do jornal *Diário Popular*, e terá de responder na Justiça pelo seu gesto bruto. Nem assim demonstra arrependimento. "Que agressão, que nada, aquilo foi só um empurrão", diz. "Será que o problema é mesmo nosso?", questiona o jornalista Anelso Paixão, de *A Gazeta Esportiva*, que já teve um pedido de entrevista negado por Felipão. "Se fosse um ou outro colega... Mas ele brigou com todo mundo." O fato é que, desacostumado a pressões, Luiz Felipe se assustou com a imprensa de São Paulo. No seu Rio Grande, as coisas eram mais brandas. No primeiro mês em São Paulo, Scolari telefonou para a irmã mais velha reclamando da dificuldade de trabalhar na cidade. Ao que Cleuza, de 53 anos, que já teve o nariz golpeado por um safanão do maninho, respondeu: "Não te queixes, Felipe. Largaste o Japão por um bom ganho. Te agüentes aí."

"'DURÃO, O FELIPE?', ESPANTA-SE O AMIGO BEN-HUR. 'UM SUJEITO QUE ASSISTE AO 'GHOST' DUAS VEZES E CHORA NAS DUAS... EU DIRIA QUE É DELICADO DEMAIS!'"

30/5/98 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 2 X 0 CRUZEIRO

J: Sidrack Marinho dos Santos (SE); **R:** R$ 453 674; **P:** 45 237; **G:** Paulo Nunes 12 do 1º; Oséas 44 do 2º; **CA:** Roque Júnior, Cléber e Wílson Gottardo

PALMEIRAS: Velloso, Neném, Cléber, Roque Júnior e Júnior; Galeano, Rogério, Alex (Arílson) e Zinho; Oséas (Pedrinho) e Paulo Nunes (Almir). **T:** Luiz Felipe Scolari

CRUZEIRO: Paulo César, Gustavo, Marcelo Djian, Wílson Gottardo e Gilberto; Valdir, Ricardinho, Marcos Paulo e Elivélton (Geovanni); Bentinho (Caio) e Marcelo Ramos. **T:** Levir Culpi

Oséas salvou o Palmeiras — e o emprego de Felipão

1999 SEMIFINAL DA LIBERTADORES

TÃO INESQUECÍVEL QUANTO A VITÓRIA SOBRE O DEPORTIVO CALI na final foi tirar nas quartas-de-final o maior rival, o Corinthians, e o River Plate nas semifinais

VIRA, VIRA, VIRA, VIRA, VIRA, VIRA, VIROU!

O Verdão dá show na Libertadores, ganha partidas impossíveis e consagra o técnico Luiz Felipe Scolari

Semana após semana, o Palmeiras vai triturando os adversários. Não tem cansaço, não tem rival, não tem placar que não possa ser superado. O time está perdendo e precisa fazer dois gols em cinco minutos? Sim, é possível, e o Flamengo que o diga (perdeu de 4 x 2 nas quartas-de-final da Copa do Brasil). Os argentinos do River Plate, que só precisam de um empate, são encardidos? Não tem problema. O Verdão dá show. Faz um, dois, três gols e humilha os temíveis rivais.

Uma revolução foi deflagrada no Parque Antártica. Antes de o time engrenar, o técnico Luiz Felipe Scolari, desgastado com a diretoria, ameaçou sair. Zinho quase foi para o Flamengo, Alex era um dorminhoco que não despertava confiança e o goleiro Marcos tinha pouca experiência no time titular. Hoje, são as figuras centrais da virada que transformou o alviverde na melhor equipe do Brasil e que, na disputa com o surpreendente Deportivo Cali, da Colômbia, está a um passo de conquistar a Libertadores, o título mais importante de sua história.

Na primeira fase da Libertadores, o Palmeiras ficou em segundo lugar em seu grupo, atrás do Corinthians, e iria enfrentar, nas oitavas-de-final, o Vasco de Felipe, Donizete e Mauro Galvão. Como decidia a vaga em casa, o Vasco era o favorito (Em São Paulo, houve empate em 1 x 1). "Foi a partir dos 4 x 2 contra o Vasco que nós ganhamos a confiança necessária para seguir em frente num torneio mata-mata", explica o técnico Luiz Felipe Scolari.

Na preleção antes da partida, Felipão repetiu a palavra "macho" várias vezes. "Ele disse que ninguém iria ficar intimidado com a pressão da torcida, que o Palmeiras deveria jogar um futebol de macho, de time grande de verdade", conta o tetracampeão Zinho. O meia Alex, que tinha a fama de tremer em partidas decisivas, mereceu atenção especial do treinador. Teve longas conversas nos dias que antecederam o jogo. "O professor me pediu para evitar firulas e ficou lembrando, todos os dias, os grandes gols que eu tinha feito pelo Palmeiras", conta Alex.

Não por coincidência, Alex marcou dois gols e mostrou muita confiança dentro de campo. Tornou-se o principal articulador das jogadas ofensivas e o cérebro do meio-campo. Se os atacantes não aparecem, ele resolve. Fez dois golaços na vitória de 3 x 0 contra o River Plate e, no final da partida, foi cortejado até pelos adversários, que o cumprimentaram pela grande partida.

Hoje, até os diretores que antes torciam o nariz para Felipão aprenderam a admirá-lo. O Palmeiras é um time de pegada — Cléber, Júnior Baiano e Galeano intimidam qualquer um —, mas sabe jogar com talento quando é preciso. "O Felipe está fazendo cada um de nós colocar o coração na chuteira", afirma o volante César Sampaio, o homem mais ouvido e respeitado do elenco depois do próprio Felipão.

Apesar de ser minucioso (os cruzamentos na área, a jogada mais mortal do time, são repetidos à exaustão nos treinamentos) e exigente (teve um bate-boca com Zinho por causa de concentração, já que o jogador não agüentava mais ficar tanto tempo longe da família), o gaúcho Luiz Felipe Scolari é um grande sentimental. Tem chorado a cada vitória do Palmeiras, distribui ingressos para a torcida e, em virtude da maratona de decisões, está com os nervos à flor da pele. Depois de ameaçar sair, seu discurso mudou. "Se deixarem, fico no Palmeiras mais uns 30 anos."

"LUIZ FELIPE SCOLARI É UM GRANDE SENTIMENTAL. TEM CHORADO A CADA VITÓRIA DO PALMEIRAS, DISTRIBUI INGRESSOS PARA A TORCIDA E ESTÁ COM OS NERVOS À FLOR DA PELE. 'SE DEIXAREM, FICO NO PALMEIRAS MAIS UNS 30 ANOS'"

26/5/99 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 3 X 0 RIVER PLATE
J: Gustavo Méndez (Uruguai); **G:** Alex 15, Roque Júnior 17 do 1º; Alex 41 do 2º; **CA:** Lombardi, Zinho, Sarabia, Berti
PALMEIRAS: Marcos, Arce, Roque Júnior, Agnaldo e Rubens Cardoso (Tiago Silva); Rogério (Galeano), César Sampaio, Zinho e Alex; Paulo Nunes e Oséas (Euller).
T: Luiz Felipe Scolari
RIVER PLATE: Bonano, Lombardi, Sarabia, Berizzo e Sorín; Placente (Pizzi), Netto (Aimar), Pereyra (Gancedo) e Berti; Gallardo e Ángel. **T:** Ramón Díaz

Marcos tira o Corinthians da
Libertadores: inesquecível

FINALMENTE O PALMEIRAS chegava ao título mais sonhado de sua história. Não foi fácil: depois de perder em Cáli o primeiro jogo, o time conseguiu levar a decisão para os pênaltis

É O TIME DA VIRADA

No grito da torcida palmeirense, o reconhecimento de um time tão forte quanto apaixonante

Parecia que não ia dar. No primeiro tempo um desgraçado 0 x 0, obrigação de marcar dois gols para reverter a vitória do Deportivo Cali na Colômbia, equipe nervosa. O segundo tempo começa, o Palmeiras se atrapalha com a bola e, como num passe de mágica, um pênalti a favor do Verdão. Gol de Evair, felicidade no Parque Antártica. E aí veio o gol colombiano. Parecia que não ia dar. Mas Oséas desempatou em grande jogada de Júnior. E aí só restavam os pênaltis, os mesmos pênaltis que tiraram o Palmeiras da Copa do Brasil cinco dias antes. Parecia que não ia dar. Mas deu, uma vitória palmeirense por 4 x 3 e o título inédito de campeão da Libertadores 1999.

E pensar que houve quem não acreditasse mais no título, quando o time tropeçou na primeira fase. Aquelas derrotas para Corinthians e Olimpia não estavam mesmo nos planos. Ficar em segundo lugar, então, era o prenúncio da tragédia, pois o regulamento empurrava o Palmeiras para uma disputa contra o Vasco, o poderoso campeão da Libertadores 1998. Nesse momento, questionou-se se todo o investimento da Parmalat não tinha sido exagerado. Será que teria valido mesmo a pena trazer veteranos como Evair e Rivarola? Será que o carrancudo Luiz Felipe Scolari era mesmo o nome certo para levar o time à frente na competição?

Para esta última pergunta, a mais importante, havia uma resposta. Sim, Felipão era o nome. "Vamos jogar como homens. Vamos decidir", disse o técnico, pouco antes de o time entrar em São Januário para o jogo com o Vasco. Logo aos 3 minutos, 1 x 0 Vasco. Qualquer equipe estaria morta. Mas o Palmeiras tinha seus homens em campo. Nascia ali a mística do time da virada. Sem se abalar com a desvantagem, Alex, Paulo Nunes, Oséas, entre outros, humilharam os cariocas, fizeram 4 x 2.

O time que voltou do Rio de Janeiro com a classificação era outro. Estava encantado. O Palmeiras seguia em frente. Fazia milagres na Copa do Brasil e no Campeonato Paulista. Depois de eliminar o Vasco, o regulamento, ele outra vez, trouxe o Corinthians de volta ao caminho palmeirense. No mais completo bombardeio da temporada, os atacantes alvinegros bateram de frente numa parede chamada Marcos. Os peladões Dinei (travessão) e Vampeta (nas mãos de Marcos) perderam seus chutes e o Palmeiras continuou sua marcha.

Logo as viradas estavam de volta. O time perdeu para o River Plate, da Argentina, no primeiro jogo, por 1 x 0. Ninguém se abalou. Cerca de 32 mil pessoas tiveram o privilégio de ver à sua frente uma exibição de maravilhosa do meia Alex no Parque Antártica. Ele fez dois gols e jogou tanto que até os arrogantes argentinos foram cumprimentá-lo após a partida. Foi 3 x 0, fora o baile. Como estranhamente acontece com este Palmeiras, os fatos se repetiram. A exemplo do que acontecera com o River, a primeira partida acabou 1 x 0 para o adversário. Da mesma forma, o Palmeiras que retornou de Cáli desembarcou em São Paulo com a sensação de quem iria virar no segundo jogo da final. E virou.

"O PALMEIRAS QUE RETORNOU DE CÁLI DESEMBARCOU EM SÃO PAULO COM A SENSAÇÃO DE QUEM IRIA VIRAR NO SEGUNDO JOGO DA FINAL"

16/6/99 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 2 X 1 DEPORTIVO CALI-COL
J: Ubaldo Aquino (Paraguai); **P:** 32 000; **G:** Evair (pênalti) 19, Zapata (pênalti) 24 e Oséas 30 do 2º; **Nos pênaltis:** Palmeiras 4 (Júnior Baiano, Roque Júnior, Rogério e Euller; Zinho perdeu) x 3 Deportivo (Dudamel, Gaviria e Yepes; Bedoya e Zapata perderam); **CA:** Córdoba, Betancourt, Alex, Júnior Baiano, Bedoya, Zinho, Hurtado, Dudamel; **E:** Mosquera 33 do 2º; Evair 4 do 1º tempo da prorrogação
PALMEIRAS: Marcos, Arce (Evair), Júnior Baiano, Roque Júnior e Júnior; Rogério, César Sampaio, Alex (Euller) e Zinho; Oséas e Paulo Nunes. **T:** Luiz Felipe Scolari
DEPORTIVO: Dudamel, Pérez (Gaviria), Yepes, Mosquera e Bedoya; Viveros, Zapata, Candelo (Hurtado) e Córdoba (Valencia); Bonilla e Betancourt. **T:** José Hernández

César Sampaio e a taça tão aguardada no Parque Antártica

A PREPARAÇÃO FOI ÁRDUA, mas não foi suficiente. O Palmeiras fez jogo igual com o poderoso Manchester, mas bastou uma única falha para acabar com o sonho do título mundial

TÓQUIO DE RECOLHER

O Palmeiras voltou sem o caneco na bagagem para a alegria dos especialistas de plantão, que tinham explicações prontinhas. Mas será que o problema não foi apenas o goleiro adversário?

>> **POR ANDRÉ FONTENELLE**

Qual a fórmula mágica para ganhar o Mundial Interclubes? Depois de quatro decepções seguidas (Grêmio, em 1995; Cruzeiro, em 1997; Vasco, em 1998; e Palmeiras, em 1999), os clubes brasileiros estão desenvolvendo um pernicioso Complexo de Tóquio. A cada título da Libertadores é a mesma coisa: começa a ser elaborado com ansiedade um ambicioso projeto de conquista da Copa Toyota, como se aquela partida de 90 minutos fosse comparável ao desembarque aliado na Normandia, na Segunda Guerra Mundial. Resultado: enquanto o time brasileiro entra em campo com toneladas de responsabilidade nas costas, os europeus, recém-chegados das compras nas lojas de eletrodomésticos de Tóquio, bocejam de tédio e fuso desregulado.

Depois da derrota palmeirense, como ocorre a cada ano, os especialistas de plantão saem da toca para explicar as razões da derrota. O engraçado é que os mesmíssimos argumentos usados contra o Palmeiras estariam sendo utilizados a seu favor agora, se Felipão tivesse voltado com a taça na mão. Não acredita? Troque "perdeu" por "venceu" nos parágrafos abaixo.

O Palmeiras perdeu porque priorizou o Mundial. Em 1983, o Grêmio se dedicou exclusivamente, durante quatro meses, à preparação para Tóquio. Jogou o Campeonato Gaúcho com o time reserva, entregando a taça despudoradamente ao Inter. Em 1992, por sua vez, o guloso São Paulo de Telê Santana não deixou nada para ninguém: ganhou o primeiro jogo da final do Paulista, foi a Tóquio e, com a Copa Intercontinental debaixo do braço, voltou para impedir o Palmeiras de quebrar um jejum que já durava 16 anos.

O Palmeiras perdeu porque chegou cedo demais. Foram dez dias no Japão. Tempo demais ou tempo de menos? A hora certa de chegar a Tóquio vem se tornando uma obsessão dos times brasileiros, enquanto os europeus chegam sempre em cima da hora. O Vasco, em 1998, passou 20 dias fora de casa e perdeu. O Flamengo, em 1981, teve a sorte de não precisar escolher: o intervalo entre a conquista da Libertadores e a do Mundial foi de apenas três semanas, com final do Campeonato Carioca no meio.

O Palmeiras perdeu porque contratou Asprilla. Enxertar craques de aluguel no time, às vésperas do Mundial, não é garantia de vitória para ninguém, mas também não é sinônimo de derrota certa. Em 1983, o Grêmio alugou os veteranos Mário Sérgio e Paulo César Caju apenas para o jogo de Tóquio. Venceu. Em compensação, em 1995 o Cruzeiro tentou repetir a fórmula, com Bebeto, Donizete e Gonçalves no time. Levou um baile do Borussia Dortmund. Ou seja, contratar ou não contratar não decide a parada.

O Palmeiras perdeu porque respeitou demais o adversário. O mesmo foi dito do Vasco em relação ao Real Madrid, em 1998. Mas em 1997 os dirigentes do Cruzeiro evitaram saturar o time com informações sobre o Borussia Dortmund e não adiantou.

Conclusão: o Palmeiras perdeu porque enfrentou um adversário muito bom, porque a bola não entrou quando tinha que entrar, porque o goleiro deles pegou tudo e o nosso bobeou numa. Como em qualquer partida de futebol.

"DEPOIS DA DERROTA PALMEIRENSE, COMO OCORRE A CADA ANO, OS ESPECIALISTAS DE PLANTÃO SAEM DA TOCA PARA EXPLICAR AS RAZÕES DA DERROTA"

1/12/99 NACIONAL (TÓQUIO)
MANCHESTER UNITED 1 X 0 PALMEIRAS
J: Hellmut Krug (Alemanha); **P:** 53 372; **G:** Keane 34 do 1º; **CA:** Alex e Silvestre
MANCHESTER UNITED: Bosnich, Gary Neville, Stam, Silvestre e Irwin; Beckham, Keane, Scholes (Sheringham) e Butt; Solskjaer (Yorke) e Giggs. **T:** Alex Ferguson
PALMEIRAS: Marcos, Arce, Júnior Baiano, Roque Júnior e Júnior; Galeano (Evair), César Sampaio, Zinho e Alex; Paulo Nunes e Asprilla (Oséas). **T:** Luiz Felipe Scolari

Alex encara os ingleses:
o Palmeiras foi bem, mas não deu

À PRIMEIRA VISTA, o Rio-São Paulo é um torneio menor de início de temporada. Mas a empolgante goleada na decisão deu à conquista o sabor das maiores decisões

A VOLTA POR CIMA

Luiz Felipe Scolari calou a boca dos críticos e, com um time desacreditado, levou o Palmeiras com brilho ao título do Rio-São Paulo

>> **POR ANDRÉ FONTENELLE**

Parecia até que o Palmeiras precisava vencer por quatro gols de diferença. A fome com que o time entrou no Morumbi para decidir o Rio-São Paulo só pode ter um motivo: os homens de Luiz Felipe Scolari tinham muita coisa a provar. Entre outras, que a torcida não tem motivo para sentir saudade do esquadrão campeão da Libertadores.

Azar do Vasco, que, por acaso, era o adversário que o Palmeiras tinha pela frente. Precisando de um gol de vantagem, no mínimo, para forçar uma decisão por pênaltis, o time de Antônio Lopes se viu acuado desde o primeiro minuto da decisão.

Arriscando chutes de fora da área e se movimentando de forma surpreendente – Júnior e Alex apareciam em toda parte –, o Palmeiras deixou o Vasco inteiramente confuso, fez três gols no primeiro tempo e poderia ter feito mais. É só lembrar as duas bolas no travessão.

Dois gols saíram, claro, do pé esquerdo de Alex. O primeiro, uma bola rolada com frieza para uma bomba assustadora de Pena. O segundo, um cruzamento que encontrou Argel sozinho na área. Ou melhor, sozinho não: Pena também estava na jogada. A defesa do Vasco, não.

Não se pense, porém, que a defesa palmeirense não teve trabalho. Com Edmundo e Romário no ataque vascaíno, não há como ter sossego. Mas na melhor chance do Animal no primeiro tempo, Marcos esticou o braço e fez uma daquelas defesas que só se vêem de muito em muito tempo.

Na segunda etapa, o Palmeiras baixou um pouco o ritmo. O Vasco também, sem esperança de título e sem Romário, que sentiu uma distensão e deu lugar a Viola. Sem forçar, o time de Felipão chegou ao quarto gol. Euller ganhou de Hélton na corrida e foi tocado pelo goleiro vascaíno. Arce cobrou o pênalti de um jeito que goleiro nenhum alcançaria.

Era um Palmeiras bem diferente do do ano passado, até na camisa, um verde esquisito que foi mal recebido pela torcida nos primeiros jogos. Mas quando o time é campeão está tudo certo. Ainda mais com goleada, como na inesquecível noite de 1º de março no Morumbi.

"ERA UM PALMEIRAS BEM DIFERENTE DO DO ANO PASSADO, ATÉ NA CAMISA, UM VERDE ESQUISITO QUE FOI MAL RECEBIDO PELA TORCIDA NOS PRIMEIROS JOGOS"

1/3/2000 MORUMBI (SÃO PAULO)
PALMEIRAS 4 X 0 VASCO
J: Jorge Travassos (RJ); **G:** Pena 27, Argel 32 e Euller 34 do 1º; Arce (pênalti) 23 do 2º; **CA:** Gilberto, Júnior, Edmundo, Pena e Amaral
PALMEIRAS: Marcos, Arce, Argel, Roque Júnior e Júnior (Tiago); Galeano, César Sampaio, Rogério e Alex; Euller (Jackson) e Pena (Asprilla). **T:** Luiz Felipe Scolari
VASCO: Hélton, Paulo Miranda (Maricá), Odvan, Mauro Galvão e Gilberto; Amaral, Válber, Juninho e Alex Oliveira (Pedrinho, intervalo); Edmundo e Romário (Viola). **T:** Antônio Lopes

Algumas caras novas, mas a mesma rotina: campeão de novo

DEPOIS DE ELIMINAR O FAVORITO CORINTHIANS numa semifinal inesquecível, o Palmeiras perderia o bi da Libertadores nos pênaltis. Mas a torcida reconheceria o feito de um time considerado apenas razoável

ELE QUASE CONSEGUIU

Depois de cada preleção de Luiz Felipe, o time entrava em campo disposto a suar sangue. Três dessas palestras explicam o sucesso do Palmeiras 2000, um time que os críticos diziam estar destinado ao fracasso e que terminou bem perto do bicampeonato da Libertadores

>> POR PAULO VINÍCIUS COELHO

O técnico Luiz Felipe levou o time inteiro para uma sala luxuosa, no subsolo do hotel Elevage, no centro de Buenos Aires. Dali a três horas o Palmeiras entraria no gramado de La Bombonera para começar a decidir a Libertadores. O cenário era suntuoso: cadeiras estofadas elegantes, a sala toda decorada em marrom claro. Na escada, um segurança para impedir que a palestra fosse gravada por algum bisbilhoteiro.

"Vocês já fizeram muito mais do que eu imaginava. Já são campeões! Ninguém acreditava no nosso time e estamos na decisão. Parabéns! Vocês são heróis!" Foi nesses termos que Felipão abriu a palestra. Deixou em segundo plano a qualidade do time argentino e o esquema de marcação sobre Riquelme, um pedido feito pela manhã a César Sampaio.

Em pouco mais de meia hora, o peso de jogar no assombroso caldeirão argentino sumiu. Em vez de pressão, os palmeirenses saíram da conversa sentindo a euforia dos torcedores. O título jamais seria mais saboroso do que a eliminação do Corinthians.

O cenário agora era mais discreto, o hotel Santana Brazilian Flat. O discurso, repetido: "Muito obrigado a todos pelo que realizaram. Vocês são sensacionais, jogaram muito, se superaram", emendou Luiz Felipe. A última preleção não resolveu. O bi não veio. Por um pênalti mal cobrado de Asprilla, outro de Roque Júnior, porque até Palermo converteu o seu (!), porque faltou sorte... Não deu!

Ou melhor, deu até demais. Nas outras preleções, Felipão quase transformou um grupo de poucas estrelas em bicampeão da América. "O ânimo como vi o time entrando contra o Corinthians foi inacreditável", confirma Pena. Naquele dia, Felipão não pediu catarradas em Edílson, como na palestra apresentada em rede nacional pela TV Globo. Preferiu uma discussão séria em que um simples jogo virou uma disputa de caráter: "Eles são melhores do que nós com a bola nos pés. Isso é indiscutível. Mas somos melhores em grupo. Qual é nossa estrela? Alex? Pois vejam como ele trabalha para o grupo. Agora vejam Marcelinho, Edílson... Um quer ser mais do que o outro."

O Palmeiras começou meia-boca o ano 2000. Terminou o semestre encantando os críticos. "Esse time está fazendo milagre", gritou, fora do ar, o repórter Wanderley Nogueira, da rádio Jovem Pan, de São Paulo, ao ver Euller empatar o jogo de ida com o Boca. Depois da eliminação do Corinthians, o goleiro Marcos foi apanhar seu carro e viu uma aglomeração de palmeirenses no posto Texaco, da praça Marrey Júnior, em frente ao Parque Antártica. Juntou-se ao zagueiro Argel e passou ao lado da festa. Foi abraçado por uma multidão ensandecida, como se já fosse campeão. Argel recebeu um beijo na testa.

Depois da derrota nos pênaltis contra o Boca, a alegria de campeão desapareceu. Mesmo chorosa, porém, a arquibancada puxou um longo aplauso e cantou o hino do Palmeiras. De cabeça baixa no gramado, Felipão agradeceu. Os aplausos eram sinal de que ele estava certo, quando chamou seus jogadores de heróis antes mesmo da final. E ainda assim ele quase conseguiu desmentir a si próprio.

"MESMO CHOROSA, A ARQUIBANCADA PUXOU UM LONGO APLAUSO E CANTOU O HINO DO PALMEIRAS. DE CABEÇA BAIXA NO GRAMADO, FELIPÃO AGRADECEU"

6/6/2000 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 3 X 2 CORINTHIANS

J: Edílson Pereira de Carvalho; **G:** Euller 33 e Luizão 38 do 1º; Luizão 5, Alex 13 e Galeano 24 do 2º; **CA:** Luizão, Argel, Galeano, Kléber, Edu, César Sampaio, Adílson; **Nos pênaltis:** Palmeiras 5 (Marcelo Ramos, Roque Júnior, Alex, Asprilla e Júnior) x 4 Corinthians (Ricardinho, Fábio Luciano, Edu e Índio; Marcelinho Carioca perdeu)

PALMEIRAS: Marcos, Rogério, Argel, Roque Júnior e Júnior; César Sampaio (Tiago Silva), Galeano, Alex e Pena (Luiz Cláudio); Euller (Asprilla) e Marcelo Ramos.
T: Luiz Felipe Scolari

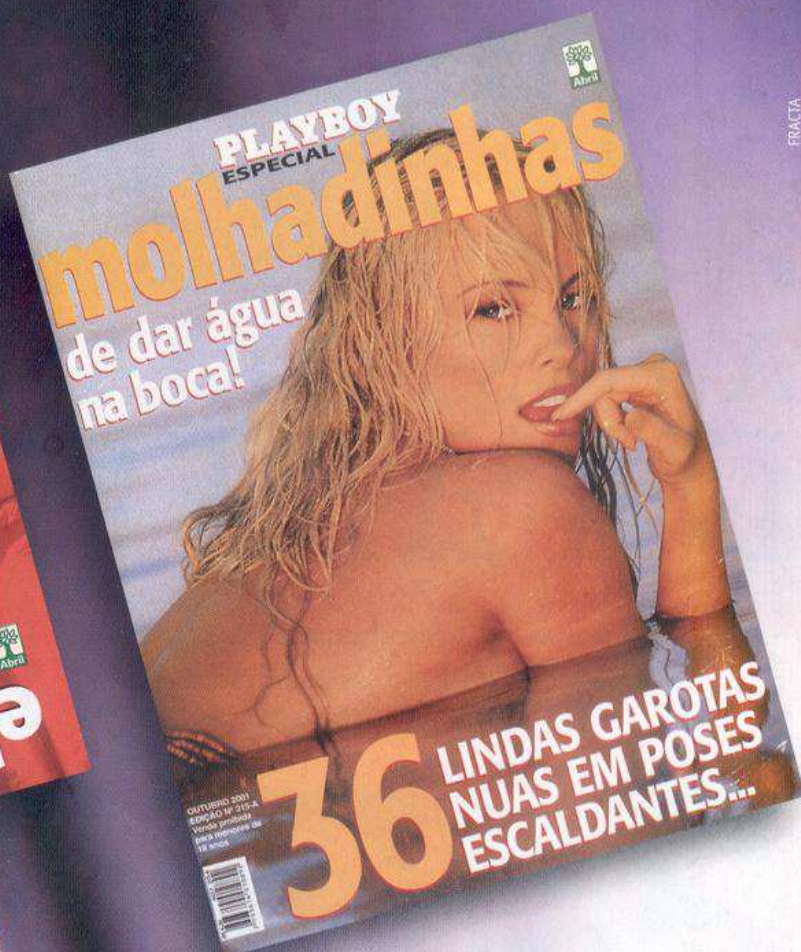
CORINTHIANS: Dida, Daniel (Índio), Fábio Luciano, Adílson e Kléber; Vampeta, Edu, Marcelinho Carioca e Ricardinho; Edílson e Luizão (Dinei).
T: Oswaldo de Oliveira

Galeano marca contra o Corinthians: virada histórica

PALMEIRAS CAMPEÃO DA TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA 1999

EM PÉ: Arce, Marcos, Roque Júnior, Rogério, César Sampaio e Júnior Baiano; AGACHADOS: Paulo Nunes, Júnior, Oséas, Alex e Zinho

AGLIBERTO LIMA / AE

Na dúvida, leve os três.

Novos Especiais PLAYBOY
Gatas espetaculares de todas as maneiras, em situações e posições para todos os gostos.

Não passe vontade.
Corra para a banca e garanta os seus.

PLAYBOY
As melhores coisas da vida.

FRACTA